

ANTOLOGIA NACIONAL DE

TERROR

PESADELOS & ASSOMBRACÕES

CONTOS E POEMAS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-39806-7
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

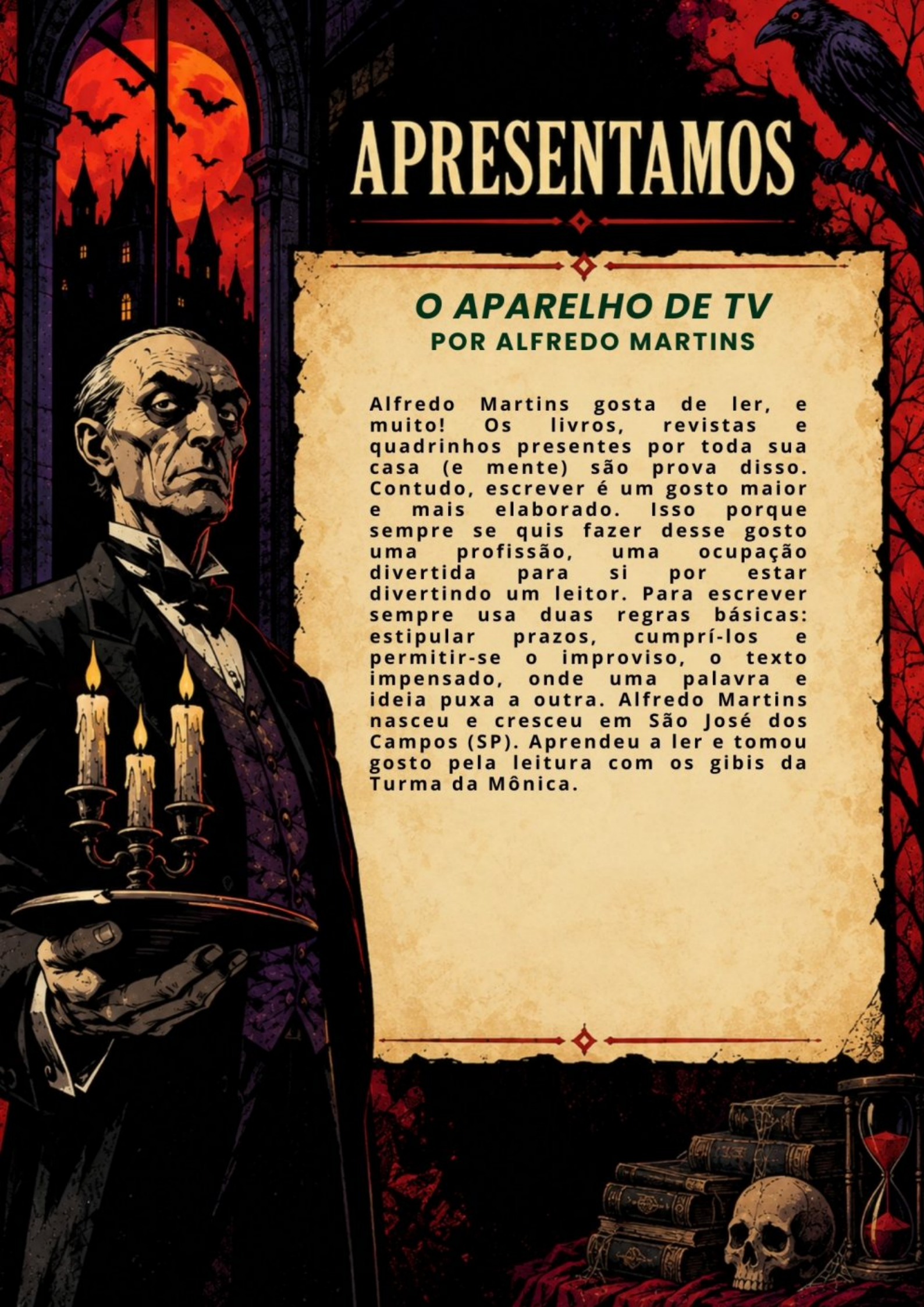
O APARELHO DE TV, POR ALFREDO MARTINS, PÁG. 06
A CAVERNA SUBTERRÂNEA, POR ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 11
O POÇO, POR ANTONIO JUNIOR, PÁG. 15
VODU, FEITIÇOS E AMOR, POR CAUDILHO MARAGATO (FLAVIO JOPPERT), PÁG. 18
A MÃE DO OURO DE PENAJÓIA, POR DEMÉTRIUS ANTONOV, PÁG. 20
REVIRAVOLTA FUNESTA, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 26
O SEGREDO FOI ENTERRADO, POR JOÃO JORGINO DE AGUIAR, PÁG. 29
VEREDICTO: O MORDOMO, POR LERIN HELENO, PÁG. 31
INVERNO: UIVOS DA NOITE, POR LERIN HELENO, PÁG. 38
CASTIGO: O PENITENTE, POR LERIN HELENO, PÁG. 41
O ESPELHO, POR MARCOS VINICIUS DA EXALTAÇÃO, PÁG. 47
UM SUSSURRO NA TEMPESTADE, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 52
2H17, NINGUÉM SAI DE VERDADE, RAQUEL FIORI, PÁG. 55
NAS ENTRANHAS DA FLARESTA, POR RENAN C. P. SOARES, PÁG. 60
A NOITE DE LUZIA, POR ROBERT PEREIRA, PÁG. 66
E A NOITE VEM, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 69
ELA, HABILIS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 76
PESADELO QUASE PERPÉTUO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 78
SUSSURROS NA NÉVOA, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 80
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 84





Entre, por favor...
estamos esperando
por você.





APRESENTAMOS

O APARELHO DE TV POR ALFREDO MARTINS

Alfredo Martins gosta de ler, e muito! Os livros, revistas e quadrinhos presentes por toda sua casa (e mente) são prova disso. Contudo, escrever é um gosto maior e mais elaborado. Isso porque sempre se quis fazer desse gosto uma profissão, uma ocupação divertida para si por estar divertindo um leitor. Para escrever sempre usa duas regras básicas: estipular prazos, cumprí-los e permitir-se o improviso, o texto impensado, onde uma palavra e ideia puxa a outra. Alfredo Martins nasceu e cresceu em São José dos Campos (SP). Aprendeu a ler e tomou gosto pela leitura com os gibis da Turma da Mônica.



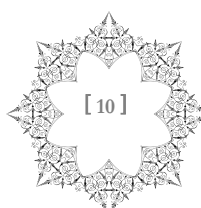
Ela está lá, no prédio torto. O apartamento está vazio desde 1967. Ou quase. A velha Empire guarda a sala. Aqueles que sabem da sua existência preferem não falar dela. Os vizinhos, principalmente os vizinhos. Mas um deles não merecia morar ali. O cortiço seria o lugar mais indicado para o velho Carlo Friggi, é o que diria a dona Célia. Vizinha do apartamento vazio, Célia estava lá quando a porta foi aberta pela última vez. Foi Giacomo Manfredi, curioso como um gato, que entrou para descobrir o que tanto havia ali. Era mil novecentos e oitenta e dois. A seleção jogava contra a Austrália e ninguém ouvia muito mais do que as interjeições gritadas pelos torcedores. Entre um grito e outro, Célia escutou um barulho na porta. Era Giacomo Manfredi, quase perdendo os sentidos. Gritou “acuda!” no corredor e outros dois moradores apareceram... Claudinho e Carlo Friggi. Correram na direção de Giacomo. Quando o alcançaram, viram a porta aberta. Célia pediu que o levassem para dentro. Levaram. Mas Carlo esticou o pescoço para ver o máximo possível. Célia voltou para fora com uma vassoura, enganchou a parte de baixo da vassoura na maçaneta e puxou com toda força. De lá para cá, de todos os rostos que estavam no corredor naquele dia de jogo, Carlo Friggi é o único que ainda está vivo. Logo o Carlo. Ele contou tudo para um desses youtubers com canais que afirmam que o sobrenatural existe. Recebeu “um barão” pelas informações. Dois dias atrás, José Carlos, o dono do canal, alugou um apartamento no prédio torto para poder rodar livremente com sua equipe. Conhecia muito bem as regras do jogo. É noite. Pouca coisa antes da meia-noite. Além de José Carlos, outras três pessoas formam o time. Ana, Rui e Miguel. Alguém atrás de José Carlos cochichou sobre a necessidade de fazer isso à meia-noite. José Carlos foi honesto e respondeu que os inscritos do canal gostam mais das filmagens à noite. Completou dizendo que essa não era a primeira filmagem noturna e nem será a última. Rui era o mais preocupado. E nem era pelo horário. Mas pela coisa em si. Ele era um dos câmeras, mas também era o mais próximo que o grupo tinha de um sensitivo. Na caminhada rumo ao apartamento da Empire, foi ficando para trás. Não por querer. Mas aquele misto de frio e coceira na nuca diminuía o ritmo dos seus passos. Ana virou-se e fez sinal com a mão para ele não ficar para trás. Quando chegaram à porta do apartamento, José Carlos vibrava como uma criança. Já Ana e Miguel começavam a adentrar numa espécie de vale da estranheza. Ver Rui daquele jeito não era normal e isso os estava afetando. José Carlos testou a maçaneta e empurrou a porta. Abriu uma pequenina fresta. Era tudo o que José Carlos precisava saber. Pediu que todos preparassem seus equipamentos. Rui

precisou de ajuda. José Carlos sabia o que estava acontecendo com Rui. O câmara era um termômetro e, dessa vez, a febre parecia bem alta. Ana cuidava do som e Miguel da outra câmara. Usando apenas o dedo indicador da mão esquerda, José Carlos empurrou a porta até que ela se abrisse por inteiro. Testou a lâmpada. Era uma fraca lâmpada amarela, daquelas que o pessoal da roça usa para espantar insetos. Bem, velha ou nova, ela funcionou. “Como até hoje não cortaram a luz desse lugar?”, pensou Miguel. Ana pensou em algo parecido. Rui estava quase entrando em pânico. O lugar tinha menos poeira do que deveria. Mas o restante era exatamente como o esperado. Poltrona, tapete e televisão. José Carlos definiu que Rui se posicionasse atrás da poltrona, Miguel ficou atrás da Empire e Ana no meio, com as costas próximas da parede da sala onde ficava a porta. José Carlos experimentou a poltrona. O couro trincado não proporcionava conforto, mas não foi isso que ele foi buscar. Saiu da poltrona, ajoelhou-se diante da TV, virou para a câmara e falou: “Aqui estamos. Aqui está a TV que mais ninguém teve coragem de chegar perto. As histórias são verdadeiras? Se forem falsas, por que todos evitam esse apartamento?” José Carlos ligou a TV e o chiado característico tomou toda a tela. Segurou o botão seletor e parece ter hesitado por um instante, mas girou. O botão estava no 3. Então 4. 5. 6. 7. 8. 9... 10. Percebeu que não seria fácil fazer o botão seletor ficar entre o 9 e o 10. Aquele botão não foi feito para a dúvida. Ou era um canal ou era outro. Cultura, TVS, Globo, Record, Manchete, Gazeta e Bandeirantes. Pensava no nome das emissoras enquanto girava o botão. Rui falou para ele desistir e ir embora. José Carlos, se ouviu, ignorou. Depois de vários minutos, finalmente conseguiu. Fez “shhh” de braços abertos, como se qualquer sussurro pudesse fazer o botão se mexer. Afastou-se devagar até chegar à poltrona e sentar-se. “Olá”, disse José Carlos. Passou 1 minuto e novamente falou: “Olá!”. Finalmente, uma resposta. “Olá, Zequinha.” A voz parecia algo distorcido, misturada ao chiado, que estava bem mais baixo. “Ok, isso fez meu coração acelerar. Não preciso olhar para trás para ver que o Rui está até se escorando no sofá. E já comecei em desvantagem, ele sabe quem eu sou... sabe o apelido de infância que sempre odiei.” Sei muito mais do que isso, Zequinha. “Você sabe meu nome, mas eu não sei o seu.” Nem vai saber. Pode me chamar de demônio. A menina... Ana... Ela está pior que o rapaz atrás de você. “Eles são fortes, vão aguentar.” Zequinha, você está a ponto de sair correndo. E eles não estão melhores que você. Veja o idiota com nome de anjo... já já ele se mija nas calças. “Bem, mesmo que a gente já vá embora, já temos a prova.” Você parte da suposição de que a porta vai abrir. Essa inocência é tão linda. Vocês vão embora quando

eu quiser! “Ana, testa a porta...” Ela não abre, Zé... — respondeu Ana. Viu? Você veio aqui falar comigo e é isso que farão. E vocês nem precisam abrir a boca. Já te mostrei isso. “Há alguma regra para nos deixar ir embora?” Ah... Você entende de algumas coisas, conhece algumas regras. Sim, há uma regra... Faça uma pergunta que eu não saiba responder. “Como vou saber que não mentirá fingindo saber as respostas?” Não saberá. Mas existem regras que nem eu posso quebrar. “Você sabia da nossa vinda?” Sim. Inclusive, te espero há dois anos, desde aquele viciado em ácido te contou o suficiente para despertar sua curiosidade. “Eu sou, de alguma maneira, especial?” Tão especial quanto poeira em cima de um livro velho. Vamos lá, Zequinha... Já vi você fazendo melhor que isso com um espírito perdido no metrô. “Quantos anos você tem?” Sete mil, duzentos e oitenta e dois anos. “Aaii!” — grita Rui. “O que você fez?” Quebrei um dos dedos do pé dele. Para te servir de estímulo. “Isso não faz parte das regras.” Da próxima vez, leia a versão integral, ao invés da edição de bolso. “Onde está a arca da aliança?” Etiópia. Mas não naquela capela com o velho guardião. Apesar de ele acreditar estar ali. “Você teme Isho?” É lógico. Sou um demônio e não um qualquer que entra em um apartamento sem saber exatamente o que enfrentar. “Aaiii!” — gritou Miguel. “Zé, não deixa ele quebrar meu dedo!” — implorou Ana. “Aramaico oriental. Agora sei onde você caiu.” Era só perguntar. Há dois livros que mencionam isso. Nem mesmo é segredo. “Pu...” — gritou José Carlos, segurando a mão. Indicador da mão esquerda quebrado. “Quando foi a primeira vez que você piscou?” — e houve silêncio no aparelho de televisão. Na queda, o fogo queimando cada parte, inclusive os olhos. Eu os fechei pela primeira vez e vi como é estar nas trevas. Dessa vez, você se saiu melhor. “Você já foi derrotado?” Sim. “Por quem?” O primogênito do homem de barro. “Como foi?” Eu estava dentro de um homem, devorava a alma dele. Esse homem era de uma tribo de cinquenta e duas pessoas. As mulheres pediam para a lua e para o fogo. A tribo estava no caminho para Node. Ele não viu apenas o homem. Ele sabia que eu estava dentro do homem. Ele colocou a mão no peito do homem, olhou para o céu, olhou para dentro do homem e ordenou que eu saísse. “E você saiu?” Não, eu fui destruído. Levou mais de mil anos para eu me reconstruir. “Reconstruir?” Ele me despedaçou. Cada fagulha de trevas que me formava foi se juntando até que eu estivesse completo novamente. “Aaii! Desgraçado!” — esbravejou José Carlos. Não são boas lembranças. “Você fala como se merecesse boas lembranças.” Aos seus olhos, eu acredito que eu não mereça. “Pretende nos quebrar por inteiro? Osso a osso? Esse é seu plano?” Eu não faço planos, Zequinha. Apenas o que me dá vontade. “Como você foi para aí?”

Você consegue sair quando quer?” Um libanês. Eu o subestimei, subestimei sua fé. Iman Siddiq Al-Hashimi. Eu consigo sair, mas fico sem força alguma depois disso. Essa lembrança não foi nada boa. “Mas o q... Que dor! Está queimando!” — disse Ana. “Faz ele parar, Zé! Faz ele parar!” Sei o que vai perguntar. Ela está experimentando a dor da picada de uma serpente. — José Carlos estava ficando sem ideia para perguntas, não estava preparado para uma situação assim. Não era como ter a camisa puxada pelo espírito violento. — Vai desistir, Zequinha? Ninguém nunca mais os verá ou ouvirá. Vocês vão definhando de sede e de fome. E, quando seus espíritos abandonarem seus corpos, eu os trarei aqui para dentro. E vou devorá-los devagar. Uma dentada por dia, cada dia um, até que não sobre nada. O espírito de vocês vai gritar e ninguém virá libertá-los. A história de vocês não será mais do que uma fofoca fantasiosa contada pelo porteiro. — Ana, Miguel e Rui olhavam para José Carlos. Ele olhava fixamente para a velha Empire, mas podia sentir os olhares sobre si. Já sabia que perguntas do tipo enciclopédia de nada adiantaram. A mão doía. Sabia que os outros três não estavam em situação melhor. Ana sentou-se no chão para apertar a região da mordida da serpente. O ar estava preso em seus pulmões. Não conseguia pensar em nenhuma pergunta. O demônio, qual fosse seu nome, estava na sua cabeça, ouvindo seus pensamentos. Então, soltou o ar, seus ombros caíram e a cabeça ficou curvada para baixo. — Isso foi rápido demais. Eu esperava mais... “Como eram os olhos do Pai?” — perguntou Rui, já quase perdendo a consciência. — Silêncio. —

Clac.



A man in a tuxedo and bow tie holds a three-branched candelabra with lit candles. He is looking towards the right. The background features a large red moon, silhouettes of bats, and a gothic building.

APRESENTAMOS

A CAVERNA SUBTERRÂNEA POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 19 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



E a bocarra da entrada da caverna era espeleologia que não emperra. Que não emperra? Sim, para lá não foram vasculhar os curiosos do mundo da subterraneidade? E não pretendiam interrogar os das profundezas interiores, seus questionamentos?

É bem verdade que a lagoa do lago subterrâneo era o veio da despedida. Veio da despedida? Sim, ao lhe chegarem como a primeira acolhida, era lembrança amarga do antigo desfilar do rio da juventude, quando, no 1º lar de seus significados, ainda não se isolara em morte do remanso. Morte do remanso? Sim, não era parada, lagoa estagnada?

Quando fora rio correntoso do interior da rocha que agredia, suas torrentes eram imaginação do seu ardor: não havia os obstáculos das pedras? Não havia o pontiagudo punho da mão da terra? Não era do seu quebrar a missão do seu avançar? É bom que se diga que a luta imaginada da torrente era ímpeto de jovem adolescente: a imaginação que lhe vem hoje daquele embate é a de glorioso combate. Glorioso combate? Sim, não estraçalhava pedras quando abria caminhos? Não era febre avante em seu golpe de aríete? Não era isso tudo, do avançar na busca do novo lar, seu ímpeto de convite?

Hoje, a “flor de aragonita”, mineral em pétalas de calcita, é o abanador do seu ímpeto e do seu avançar: são troféus do seu antigo lar de inquietações, como marcos de hoje, resignações!

O seu tumular de moldura circular é lembrança dos tempos de bonança. Tempos de bonança? Sim, assim deduzia o antigo leito que corria. Hoje, morcegos encravados em seu teto de candelabros são macabros alimentadores dos peixes devoradores. Peixes devoradores? Sim, os desbotados bagres albinados são latrinas daquelas vitrinas: são tanto os esgotos que comem esgotos como são anemias que não contendem. Anemias que não contendem? Sim, aos que habitam o mais profundo da caverna mais anêmica, podem extasiar-se em olhares de clarividência? Careceria da vitaminação da luz do enxergamento? Não, para as cegas toupeiras das águas interiores das profundezas dos antigos amores, as trevas da ceguidão são o único consolo da luz da claridão.

Sei que, perspicazes, direis: claridão da escuridão? Significação da avitaminose da explicação? Sim, isso direis em vossas claridades, mas os que são de rebaixadas e esclerosadas idades não têm, por lampejo de espargimento do seu ocultismo de visão, a luz anêmica do pouco enxergamento? O ambiente seu não é escuridão do Romeu? A donzela sua não é velha, decrépita, sem cio de gazela? Então, onde o instinto da vida a

procurar melhor guarida? Onde estão os peixes dos sêmens a nadarem atrás de óvulos de explicações? Onde será depositada a semente de vida? Em vasos enrugados não serão depositados? E, se assim o fossem, a anemia do prolongamento do rio que agonia não será tão somente lago deitado no fundo do antigo riacho do turbilhão? E isso, meus leitores dirão, não é decrepitude do antigo “vilão”?

Esse vilão era o afoito que à rocha adentrara para gerar filhos de cristais em seus animais. Em seus animais? Sim, às vidas que se sucederam, morcegos e bagres da espeleologia, não sobraram as sobras dos encantos da antiga maria? E não era essa a rocha donzela que se quebrara em encantos tamanhos? Não foi essa mesma a “mãe mater” da escorrida ilusão perdida?

Essa ilusão, candelabro mineral floral, foi a filharada do primitivo casal: embora agora, velhos de geração, o antigo coração já, nessa lagoa da recordação, guarde espelho e admiração: basta só que a vela da lembrança se espelhe como luz do incendiamento. Luz do incendiamento? Sim, ao simples reflexo da luz de antanho no espelho sem estanho, o lago parado, profundez desterrada, rio aplacado, em círculo de elipse escancarado, a esse simples gesto da luz do vestígio, o seu antigo prestígio, no choro do neto que invade a privacidade, recorda-lhe a chispa e o diapasão.

Chispa e o diapasão? Sim, não notais? Mas como não notais o pequeno caudal de corrente de metal? Não é riozinho negro do sorriso claro, aquele filete de lágrimas? E não é essa a renovada fonte? Não avança para o mais abaixo, nova caverna em nível de degrau soletrado, a chama/fonte do pincel de nova caverna a ser desbravada? Isso não é piada: não podeis ver, em vossa visão de raio X de vossa juventude, o novo riacho que segue à fonte, agora não mais ressecada? E isso não é nova sacada? **De onde a lágrima acumulada alicerça novo caudal? E não é esse novo avanço do decrépito e infecundo casal?**

Não é só quando à morte chegara que o seu nascimento começara?

Não foi só quando a lembrança da antiga bonança lhes caiu como morcegos de archotes que a vida nova procurou-lhes nova guarida?

Por que só das múmias surgiu essa quadriga? Não quiseram gerar antes deste silêncio tumular?

Sim, o rio subterrâneo quisera descendência antes desse choro quase sem clemência: pena que os seus filhos da meia-vida foram abortados antes de viva acolhida: só quando, ao adotarem filhotes de luz, aqueles abandonados pelos telhados sepulcrais,

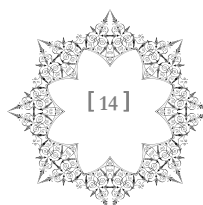
só quando estes, ao ricocheteio do galanteio, pelo brilho no lago encantado, respostas de adoração dos encarquilhados corações, ao receberem-se em abraços na morta escuridão, ao iluminar-lhes trevas e colchões, conseguiram, por serem luzes e andaluzes, os milagres (aos 2) das subidas ressurreições; e, por essa escada tumular, subiram ao antigo e primitivo altar.

Pena que a companhia da escuridão tirou-lhes córneas e visão: os cegos dos rios interiores só choraram rancores: com ódio à luz, esvaíram-se em conjuntivite de pus.

Mas eis que, das alturas dos rios sem rupturas, onde não há escuridões nem amarguras, resgataram-lhes as suas sepulturas. Ao serem iluminados de fora, seus cloacais internos foram aclareados pelos pingos de luzes.

E, assim, desde esse dia da sua ascensão, puderam, de novo, conversar com o primeiro pai Adão. As queixas das cavernas foram dissipadas pelo banho da clarividência da Superior Cisterna: não lançaram olhares de ódio aos desgarrados... Sim, como poderia haver discordâncias nessas Superiores Estâncias?

Eu, a Luz da Elevação.



APRESENTAMOS

O POÇO

POR ANTONIO JUNIOR

Antonio Júnior nasceu em 03/05/1966 na cidade de Recife e desde cedo se interessou pela arte da leitura. Aos 12 anos já havia lido a coleção de Júlio Verne da Biblioteca da cidade de Pesqueira, onde residia com a família... e juntando a ficção científica com os clássicos do terror, encontrou sua vertente literária. São de sua autoria os livros "Conexões Nordestinas" e "Cabra macho não tem medo" e o conto de ficção "Obsoleto" publicado pela Tarja Editorial na antologia FC do B: Ficção Científica Brasileira - Panorama 2010/2011.



Horácio olhou para cima. No fundo do poço, não conseguia vislumbrar como chegara ali nem uma maneira de sair daquele lugar.

Sua mente dava voltas em busca de lembranças que o colocassem na situação em que se encontrava. Onde era o poço? Caíra dentro dele? Fora empurrado? Descera intencionalmente? Se descera, onde estava a corda? Não havia escada.

O cheiro de terra era forte e os insetos insistiam em voar ao seu redor.

— Olá, tem alguém aí?

Apenas o eco respondeu suas palavras.

Estava escuro. Havia apenas um pouco de luz que vinha de cima, deixando ver alguns detalhes das paredes cobertas por pedras úmidas.

Talvez conseguisse se apoiar nos pontos irregulares e subir rumo à saída... primeiro uma mão em uma fresta, depois um pé em uma saliência, uma curta subida e em seguida a queda.

Nova tentativa. Outra queda.

As pedras eram muito lisas.

As paredes refletiam o silêncio.

Mas, espere! Havia alguns cipós pendendo para dentro do poço. Talvez pudesse subir por eles.

Agarrou o primeiro e deu alguns puxões. Pareceu firme. Iniciou a subida. E caiu pesadamente. Apenas um cipó não aguentava o peso.

Juntou três lianas em um conjunto para nova tentativa e a escalada foi um pouco além, mas os suportes se romperam um a um e a queda foi inevitável.

Em desencanto, permaneceu por um tempo sentado no chão do poço enlameado, quando uma sombra de relance na abertura da cisterna chamou sua atenção.

Olhando para cima, viu a figura de um homem desenhada contra o céu emoldurado pelo contorno de pedra.

Conhecia aquele homem. Reconhecia a postura.

Era Henrique, seu sócio. Construíram a empresa juntos.

Henrique iria salvá-lo.

— Henrique, por favor, me ajude. — gritou.

Henrique não pareceu ouvir. Precisava gritar mais alto.

— Estou aqui no fundo.

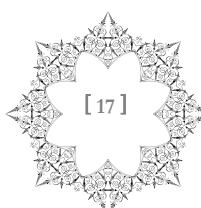
Henrique olhou ao redor de forma cuidadosa, depois para dentro do poço, mas pareceu não notar Horácio. Seus olhos pareciam procurar outra coisa.

Horácio lembrou que acontecera algo entre ele e Henrique. Não haviam concordado em alguma coisa. Um negócio não resolvido.

Olhando melhor para um canto do fundo do poço, notou um volume alquebrado de um corpo que sofrera uma grande queda.

Sem qualquer esperança, conseguiu apenas lamentar:

— Henrique, seu miserável.





APRESENTAMOS

VODU, FEITIÇOS E AMOR POR CAUDILHO MARAGATO (FLAVIO JOPPERT)

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



“o amor em potência e platônico é como uma alma deformada pelo sofrer, em que permanece o ato de amar”

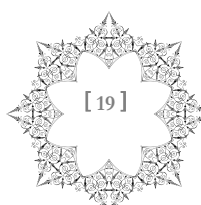
Qual n’espelho d’íris
vejo como sombra
por amor acompanhava
a teu lado namorada.
Acompanha um destino
impossível de se romper.

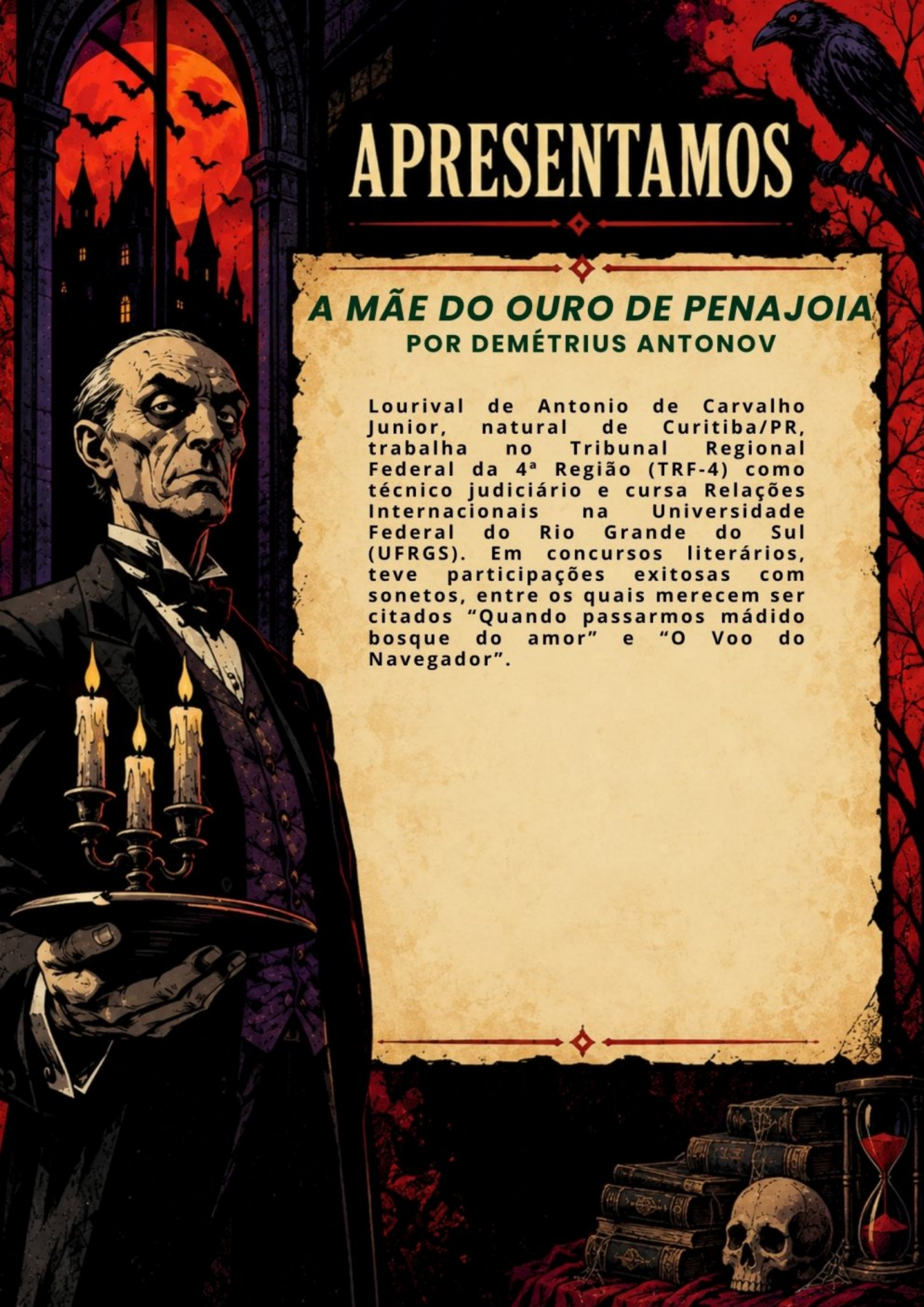
“por teus exageros minha vida se faz biologicamente inviável”

Não posso sair desse mundo,
sem antes já querer voltar.
Daqui não sai por te amar!
Permaneço assombrando,
por extremos do mundo:
ser, existir, e te amar...

“te amo, vejo, e desejo” (continuo amando)...

(A vida não floresce nos extremos. Toda medida levada ao infinito rompe o delicado pacto entre o corpo e o tempo, até que a própria biologia se renda ao impossível. O que insiste em existir para além de todos os limites já não é carne, nem respiração: é sombra, memória, fantasma. E, ainda assim, há um último milagre que nem a morte ousa desfazer: permanecer apenas para continuar amando — IA)





APRESENTAMOS

A MÃE DO OURO DE PENAJÓIA **POR DEMÉTRIUS ANTONOV**

Lourival de Antonio de Carvalho Junior, natural de Curitiba/PR, trabalha no Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) como técnico judiciário e cursa Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em concursos literários, teve participações exitosas com sonetos, entre os quais merecem ser citados "Quando passarmos mádido bosque do amor" e "O Voo do Navegador".



Antes que existisse Morretes, antes das pedras coloniais do Itupava, antes das cruzeiras fincadas na lama da Serra do Mar, havia somente o Peabiru. Os povos originários diziam que o caminho nascera dos passos de Sumé, o homem de luz que caminhava sem deixar pegadas. O Peabiru unia mares, serras e constelações. Nele viajavam não só pajés, guerreiros e mensageiros, mas também os mortos. Ah, sim, os mortos. Conforme se depreende das antiquíssimas crenças tupis-guaranis e carijós, certas trilhas não conduziam apenas a lugares, mas à encruzilhada dos tempos.

O trecho do Marumbi era o mais sagrado. “Mborumbi”, sussurravam os velhos indígenas junto às fogueiras. Era a Montanha Azul das Almas. Lá dormia o ouro vivo da terra. Não deveria ser tocado. No entanto, o homem branco jamais compreendeu a diferença entre riqueza e maldição.

Quando o século XVII ainda aprendia a pronunciar seu próprio nome, os colonizadores descobriram ouro no rio Nhundiaquara, e a serra foi rasgada. Escravizados africanos, indígenas capturados e condenados abriram à força o Caminho do Itupava sobre o velho Peabiru. Marretas ecoavam noite e dia. Muitos operários despencavam nos abismos, ao passo que outros eram sepultados vivos sob os lajedos para “fortalecer a estrada”, segundo uma superstição portuguesa.

Com a corrida pelo ouro, formar-se-ia um povoado que mais tarde seria conhecido como Morretes. Tropeiros cruzavam trilhas enlameadas. Padres erguiam capelas improvisadas. Mercadores vendiam pólvora, aguardente e ilusões, enquanto os garimpeiros arrancavam o coração da terra com as próprias unhas. As pedras bebiam sangue. E a trilha começou a mudar. Tropeiros desapareciam. Lampiões acendiam sozinhos. Mulheres douradas eram vistas sobre o rio. Assim se originava a lenda da Mãe do Ouro.

No inverno de 1734, chegou à vila um forasteiro chamado Anselmo Rivas. Trazia dois revólveres argentinos, um sobretudo escuro e um silêncio que aparentava já ter enterrado muita gente. O dono da hospedaria arregalou os olhos quando o viu entrar: — Pensei que estivesse morto!

Anselmo retirou as luvas tranquilamente: — Cheguei perto algumas vezes.

Sentada ao fundo da venda estava Úrsula das Figueiras. Bruxa. Curandeira. Ou coisa pior. Os sinos presos ao seu pescoço tilintavam sem vento algum. Ela observou Anselmo com um sorriso oblíquo: — Veio pelo mapa. Não era uma pergunta.

O pistoleiro acercou-se: — Você roubou metade dele.

— Roubei a metade que impede a outra metade de matar.

Anselmo sentou-se diante dela. A venda inteira silenciou. Até os copos pareciam escutar.

Úrsula deslizou um pergaminho envelhecido sobre a mesa. Havia símbolos indígenas, coordenadas coloniais e uma charada escrita em tinta quase apagada: “Quando o rio olhar para trás e a sombra do Mborumbi beber a lua, o ouro cantará sob os mortos.”

Álvaro de Souto, um alcaide recém-chegado de Paranaguá, aproximou-se irritado: — Isso é teatro para embriagar garimpeiros!

De súbito, Úrsula virou o rosto: — E você é homem que acredita demais em papel!

Álvaro não respondeu, mas anotou tudo mentalmente. Por determinação do Ouvidor da Comarca, havia meses investigava desaparecimentos ligados à Mina de Penajoia. Cadáveres encontrados sem olhos. Ferramentas retorcidas. Pepitas alojadas dentro de corpos humanos. Aquilo não fazia sentido. E justamente por isso precisava compreender os fatos em busca de algum sentido.

Partiram três dias depois. Por prudência e também por obrigação de seu ofício, Álvaro trouxera para Morretes uma expedição composta por dez Dragões da Coroa, soldados responsáveis por realizar diligências nas lavras, prender suspeitos e vigiar as estradas.

Haviam subido o Itupava sob chuva densa. Quando a tempestade passou, a serra respirava névoa. Bromélias pendiam como bocas úmidas entre as árvores. Em certos trechos, ainda havia marcas de cinzéis antigos usados por garimpeiros.

Álvaro passava os dedos sobre as pedras: — Quantos morreram aqui? Quantos ossos existem sob esta estrada?

De repente, percebeu algo estranho: inscrições indígenas ocultas sob o musgo.

Úrsula aproximou-se: — São avisos.

— O que dizem?

Ela traduziu pausadamente: “Não despertem o coração dourado.”

Ao adentrarem a segunda noite, o grupo encontrou uma clareira circular iluminada por vaga-lumes dourados. No centro havia um marco de pedra coberto de símbolos guaranis.

Anselmo encaixou as duas partes do mapa. As inscrições se completaram.

Contudo, apareceu uma nova charada: “Onde o Peabiru morreu sob pedra estrangeira, sete corpos sustentam o caminho. O oitavo ainda respira.”

Bento Carijó, o guia caboclo, empalideceu: — Meu avô falava disso...

— Disso o quê? — perguntou Álvaro.

— O Itupava foi construído sobre gente enterrada viva.

Silêncio. Todavia, logo ouviriam batidas vindas do subsolo. TOC! TOC! TOC! Como marretas antigas golpeando a rocha. O chão começou a vibrar. Pedras coloniais racharam. E mãos emergiram da terra. Eram tantas: mãos negras, mãos indígenas e mãos cobertas de ouro!

Os mortos do Itupava levantaram-se repentinamente. A expedição disparou em pânico. Flechas atravessaram a mata. Dos barrancos irromperam guerreiros indígenas liderados por Aruã-Porã, último guardião das trilhas sagradas do Marumbi.

— Vocês abriram o selo! — rugiu ele.

Em seguida, apareceu uma luz. A Mãe do Ouro desvelava-se sobre o Nhundiaquara como uma estrela líquida caminhando sobre a água. Seu corpo era feminino e monstruoso ao mesmo tempo: cabelos de ouro derretido, olhos múltiplos brilhando sob a pele translúcida.

Um dos Dragões da Coroa caiu de joelhos: — Santa mãe...

A criatura virou bruscamente o rosto. O homem começou a sangrar pelos olhos.

O combate explodiu. Tiros iluminavam a neblina. Tacapes esmagavam ossos. Flechas riscavam o breu.

Anselmo lutava com brutal precisão, mas percebia algo errado. Os indígenas não tentavam matá-los. Tentavam impedir sua chegada à Penajoia.

Úrsula gritou durante o caos: — A mina não guarda ouro!

— Então o que guarda?

Ela olhou diretamente para ele: — Memória.

Após a fuga, chegaram à Mina de Penajoia ao amanhecer. Era gigantesca. Carrinhos de mão, alviões e almocafres enferrujados mergulhavam nas entranhas do Marumbi. Havia ferramentas espalhadas e longevos resquícios de explosões.

Álvaro encontrou documentos preservados em caixas metálicas. Relatórios secretos.

Leu em voz alta: “Os mineradores relatam atividade orgânica nos veios auríferos. O metal pulsa como tecido vivo. Operários apresentam delírios auditivos e obsessão homicida.”

Outra anotação: “O nome indígena Mborumbi significa guardião dos espíritos minerais.”

Álvaro sentiu frio. Logo, os relatos não eram lenda. Nunca foram.

Após tal descoberta, começaram a descer às profundezas da mina. No centro de Penajóia havia um lago subterrâneo de ouro líquido. E acima dele pairava a verdadeira forma da Mãe do Ouro. Era colossal. Seu corpo confundia-se com raízes minerais e rostos humanos fundidos em metal animado. Centenas de almas pareciam aprisionadas dentro dela. Eram garimpeiros, escravizados, soldados e indígenas. Todos tragados pelo ouro do Nhundiaquara.

A entidade falou. A voz ecoou pelas galerias: — Cada pepita comprou uma morte!

Álvaro percebeu enfim o padrão investigativo. Os desaparecimentos não eram crimes comuns. Os homens enlouqueciam pela exposição prolongada ao ouro e matavam uns aos outros. Depois, a própria entidade absorvia os corpos. Era uma cadeia de assassinatos ritualísticos alimentada pela serra.

Apesar de todas as advertências e evidências, Anselmo já avançava sozinho.

Revólveres nas mãos.

A Mãe do Ouro tomou a forma humana diante do forasteiro. Era belíssima e, ao mesmo tempo, terrível. — Você matou por ouro? — perguntou ela.

— Não.

— Então por quê?

Anselmo hesitou. Finalmente respondeu: — Porque era bom nisso.

A entidade aproximou-se. Cada passo fazia o chão florescer em metal. Ela tocou o peito do pistoleiro. E ele viu tudo: escravos morrendo no Itupava, crianças vendidas por pepitas, corpos lançados no Nhundiaquara e garimpeiros devorando companheiros durante a fome. Era toda a violência mineralizada da serra.

Anselmo caiu de joelhos, porém ainda segurava o revólver. Última bala.

Úrsula gritou ao longe: — Se atirar, desperta o coração do Mborumbi!

Ele sorriu de canto: — Talvez já esteja acordado.

Disparou. A bala atravessou o núcleo luminoso da divindade. O Marumbi rugiu. A montanha inteira abriu-se em um terremoto tremendo. Veios dourados incendiaram-se pelas galerias. Rios subterrâneos explodiram.

Na sequência, a Mãe do Ouro lançou-se sobre Anselmo. O duelo tornou-se quase mítico. Ela atacava em torrentes de ouro líquido. Ele desviava entre colunas desabando, disparando inutilmente enquanto o corpo começava a dourar lentamente. Os braços endureciam. As veias brilhavam. Embora agonizasse, avançava.

A criatura assumiu os rostos de todos que Anselmo matara: — Lembra deles?

Anselmo respondeu, cuspidando sangue: — Mais do que eles lembram de mim.

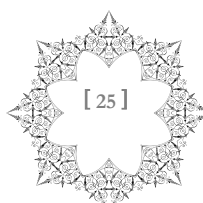
Ao perceber que não conseguiria derrotar a Mãe do Ouro, mergulhou diretamente no lago aurífero com a entidade. Uma explosão dourada abalou as profundezas de Penajoia.

Dias depois, a mina foi encontrada soterrada. A Coroa, por meio de uma Carta emitida pela Intendência de Minas da Vila de Paranaguá, declarou que a lavra fora interdita por desmoronamento.

Entretanto, Álvaro conhecia a verdade. Em seu relatório, guardado a sete chaves e em bom recato, lavrou: “O ouro do Nhundiaquara parece constituir organismo mineral desconhecido, associado às mortes históricas da construção do Itupava. A divindade chamada Mãe do Ouro manifesta comportamento protetor e punitivo.”

Em suma, o documento nunca foi achado nem constava nas referências oficiais. Assim como tantos outros que mencionam a Mãe do Ouro.

Apesar disso, até hoje, viajantes juram ouvir tiros ecoando no Caminho do Itupava durante tempestades. E, quando a lua mergulha atrás do Marumbi, uma figura de chapéu escuro pode ser vista caminhando ao lado de uma mulher feita de ouro ardente sobre as pedras ancestrais do Peabiru. Dizem que continuam procurando algo. Talvez seja a redenção. Talvez seja a última pepita. Ou talvez os mortos que a serra ainda se recusa a esquecer.





APRESENTAMOS

REVIRAVOLTA FUNESTA **POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA**

Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual. Teve trabalhos selecionados em publicações na Revista Conexão Literatura, em seu próprio nome ou sob os pseudônimos Franco Calvero e Carlos Romero, bem como na antologia "Sarau Brasil 2026" da Vivara Editora Nacional. Busca na escrita a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações.

Bento era um sujeito pacato e de vida extremamente previsível. Era servidor público municipal, uma figura lânguida, alto, magro, de cabelos lisos, que vestia praticamente a mesma indumentária para ir à repartição onde trabalhava. Vivia de forma solitária, morava em uma casa deixada de herança pela mãe, falecida há alguns anos, na Zona Sul de Porto Alegre. Sua única companhia era um gato de cor branca, chamado Nicolau, que tinha quinze anos. Bento o batizou com tal nome por ser um admirador profundo da literatura russa, sobretudo de Dostoiévski.

Bento era uma figura arredia; seu contato social limitava-se a cumprimentar vizinhos próximos e a falar apenas o essencial com colegas de trabalho. Seu amigo de convívio era Nicolau; estavam sempre juntos, e o felino dormia na cama de Bento, inclusive. Bento nutria uma paixão platônica por Mariana, sua vizinha desde a época da infância, mas jamais declarou seus sentimentos a ela em virtude do medo de ser rejeitado.

A vida insossa de Bento estaria prestes a mudar. Após retornar da repartição, em um dia de intensa chuva de inverno, encontrou Nicolau morto na sala. Tentou, em vão, reanimá-lo; o gato encontrava-se falecido havia horas, provavelmente deixara de ter vida pela manhã. Bento passava o dia todo fora, saía para trabalhar às 7h30 e costumava chegar em casa às 17h30; sempre deixava ração suficiente para Nicolau se alimentar, água à vontade e a caixa de areia limpa.

Bento estava inconsolável, posto que perdera seu verdadeiro e único amigo. Foram quinze anos de convivência intensa. Nicolau fora adotado quando era filhote, trazido pela finada genitora de Bento. Nicolau foi enterrado no jardim, próximo a uma laranjeira. Já havia passado sete dias do passamento do felino, e Bento chorava copiosamente pela perda do companheiro. Enquanto dormia, sentiu algo tocando seu pescoço, tal como um objeto pontiagudo, como se fosse lhe causar um corte. Assustado, despertou subitamente, suando excessivamente, com o coração acelerado. Levantou-se, revistou toda a casa, inclusive o pátio, e nada encontrou. Certificado de que nada acontecera, apesar de ter sentido verdadeiramente o toque, Bento acreditou que fora apenas um pesadelo e pôs-se a dormir novamente.

No dia seguinte, durante o horário de descanso, de repente, ouvia-se um miado estridente, sofrido, capaz de ser escutado não apenas na casa, mas na vizinhança inteira:

MIAUUUUUUUUUUUUUU!

Bento acordou bastante assustado, pois reconhecera aquele miado; sabia que era de Nicolau. Andou por toda a casa e dirigiu-se até o local de sepultamento do gato, que estava intacto, sem vestígios de vilipêndio.

Enquanto Bento se encontrava no pátio, Mariana surgiu ao portão para indagar-lhe se sabia do que ocorrera. Conversaram rapidamente; depois, cada um rumou para sua residência.

Aflito com os acontecimentos das últimas noites, Bento resolveu apelar para a ajuda espiritual. Contratou um pai de santo para realizar um trabalho de descarrego em toda a casa, na esperança de debelar o problema. Inutilmente.

Na mesma noite, mesmo com o descarrego, novamente ecoou um miado agudíssimo. Bento levantou-se e se deparou com Nicolau na beira da cama, em estado de decomposição, um tanto corroído pelos vermes, olhando fixamente para ele. Bento chamou Nicolau, e o felino se pôs em posição de ataque.

Desesperado, Bento saiu correndo pela casa, ao passo que Nicolau saiu em sua caça de forma frenética. Bento virou uma presa, literalmente.

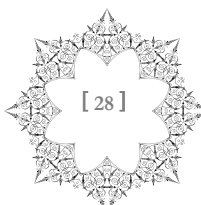
Ao chegar à despensa, Bento encontrou um machado. Nicolau desferia unhas nas pernas de Bento como se fossem golpes de adagas. Mesmo tendo carinho pelo gato, com o instinto de sobrevivência falando mais alto, Bento atacou o bichano com uma machadada, separando a cabeça de Nicolau do restante do corpo. Contudo, a perseguição continuou.

Na sala, um extenuado e suplicante Bento ajoelhou-se em estado de rendição. Quando Nicolau se preparava para unhar Bento na jugular, o que provavelmente o levaria à morte, ouviu-se uma voz feminina do além, dizendo o seguinte:

— Nicolau, vem cá, meu gatinho, não machuque o Bento, ele é um bom menino. Deixe-o em paz; vamos embora e deixá-lo seguir sua vida.

A voz era de Dona Francisca, a mãe de Bento, que surgiu como um vulto. Nicolau a seguiu e não mais voltou.

Bento retirou seu pijama ensanguentado, tomou um banho, trajou um terno e resolveu ir até um bar e fazer algo que nunca fizera na vida: beber. Quem sabe reuniria coragem para, enfim, declarar o que sentia por Mariana.





APRESENTAMOS

O SEGREDO FOI ENTERRADO **POR JOÃO JORGINO DE AGUIAR**

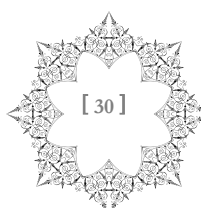
Quarto filho de seis irmãos,
manezinho do sul da ilha.
Mãe benzedeira, pai engenheiro da
farinha.

Artesão da madeira, hobbista,
ciclista e trilheiro.

E-mail: joaojaguiar65@gmail.com



O canalha calvo cava a cova, escava a crosta,
Se desgasta, descansa descalço, traga.
Encaixa na caixa o corpo que se debate,
Vê pela tampa entreaberta, olhos repulsivos,
Cabeça reversa, palavras morrendo distorcidas,
Murmúrios e respingos ácidos escorrendo pela boca.
O desfalecido sente saudades da sua claustrofobia,
Singular e inodora, sem apertos, até então ilusória.
Vibram ecos de dor, o ego escoia pela terra revirada,
Agora sem ar nem respeito, espera ser esquartejado.
A serra corta carne e ossos, rangem seus dentes imundos.
O que ainda ouço, não ousa dizer, só ressoam:
— Gritos ensurdecedores ao entardecer.
Lá bem no fundo do poço,
Caindo sobre o corpo dilacerado,
A centelha do cigarro se apaga.
O inferno é tua próxima morada.
“Aqui não mais estás”
No estalar dos dedos, no girar do pescoço,
Tudo se esvai, sem sentido ou remorso.





APRESENTAMOS

VEREDICTO: O MORDOMO POR LERIN HELENO

Lerin Heleno é paulista de São José do Rio Preto, tem formação em Publicidade e Propaganda, bancário aposentado, escreve contos desde a juventude, tendo só recentemente publicado alguns em sua obra intitulada "Histórias Surreais Inspiradas em Casos Supostamente Imaginários"

PRÓLOGO

Ano 1973. Em algum lugar...

O proprietário da Mansão dos Cravos foi morto numa fria madrugada do final de outubro, vítima de estrangulamento. Desde então, mais de meio século já se passou e, apesar de todas as investigações realizadas pela polícia nos primeiros anos que se seguiram, seu assassino permanece até hoje uma incógnita. Porém o que ninguém nunca desconfiou é que eu *sei* quem o matou. E só não o delatei por um único motivo: não queria ser internado num manicômio.

Hoje, com mais de 80 anos, doente e à beira do túmulo, resolvi esclarecer o tão comentado crime da época, pois não quero deixar este mundo levando comigo um segredo tão apavorante, que me persegue desde aquele tenebroso dia.

CAPÍTULO ÚNICO

Minha história começa com o término da Primeira Guerra Mundial. Contava eu na época com 30 anos de idade e voltava para casa totalmente desesperançado, desempregado e sem saber como recomeçar a vida. Toda a minha família fora morta durante a guerra, vítima de bombardeios inimigos, e sentia-me totalmente sozinho no mundo. Foi quando, pelo anúncio de um jornal, fiquei sabendo que a Mansão dos Cravos estava contratando um mordomo. Candidatei-me ao cargo e, apesar de minha falta de credenciais para exercê-lo e do grande número de candidatos, minha condecoração de herói de guerra acabou pesando a meu favor — pelo menos foi o que me disse o proprietário da mansão, um ultranacionalista radical, viúvo sem filhos.

Comecei a prestar serviços na mansão logo após o Ano Novo e, já nos primeiros dias, percebi o péssimo caráter de meu patrão: avarento, cruel, ranzinza e possuído por sentimentos totalmente instáveis — hoje ele gostava de alguém, amanhã o odiava.

Fazia pouco mais de dois meses que eu estava a seus serviços quando ele resolveu fazer uma viagem para visitar um sobrinho, seu único herdeiro, que morava em outro país. A casa toda respirou aliviada — por algum tempo ficaríamos livres de sua odiosa pessoa.

Mas o ambiente leve e descontraído que se instaurou na casa com a sua partida não durou muito. Em princípios de julho, para desalento de todos, ele estava de volta. Trazia consigo muitas recordações e uma história.

Contou-nos que durante a viagem sofreu um forte enjôo, sentiu tonturas, e, num solavanco do navio, acabou por cair ao mar. Tentou lutar desesperadamente contra as ondas do mar agitado e, quando já pressentia seu terrível fim, foi salvo por um marujo forte e corajoso. Seu nome era Toby. Contou-nos que sua gratidão foi tanta que, sendo um excelente desenhista, fez questão de desenhar o retrato de seu salvador para nunca mais se esquecer dele.

Faço questão de registrar que quando ele falou em “gratidão” por pouco não dei uma gargalhada — pensava que tal palavra não constava de seu vocabulário... Mais tarde eu veria o quão profunda era a sua gratidão!

Contrariando sua natureza ranzinha e seu constante mau humor, o Velho — como nós, os empregados, o chamávamos pelas suas costas — estava bastante entusiasmado e, como se não bastasse martelar nossos ouvidos com a tal história, ainda resolveu, como homenagem a seu salvador, fazer um boneco em tamanho natural do marujo Toby — “para poder desfrutar todos os dias de sua companhia”, disse. Para tanto, encarregou-me de procurar um conhecido fabricante de brinquedos que havia na cidade.

Fiz o que me foi ordenado e trouxe o homem, todo solícito e risonho por encontrar algum trabalho — eram duros os tempos do pós-guerra e as coisas não andavam bem para o pobre diabo.

Ao chegarmos à mansão, logo meu patrão pôs-se a descrever como deveria ser o boneco: aproximadamente 1,75 m, musculoso, pele cor de bronze avermelhado típica de quem vive exposto ao sol, cabelos ruivos espetados, a bocarra cheia de dentes proeminentes estragados pela cárie, carrancudo. Muito carrancudo. O Velho até nos contou que os outros marujos costumavam dizer que Toby já nascera carrancudo e nunca dera um sorriso em sua vida — o que era motivo de zombaria por parte de seus colegas de bordo.

Por fim, entregou o retrato do marujo ao homem para que ele pudesse fazer o boneco o mais parecido possível com o modelo humano. Com essas anotações na maleta e uma boa porção de rapapés, o fabricante de brinquedos foi embora.

Nunca me esqueci que, ao olhar para o retrato desenhado pelo Velho, não pude deixar de notar que, apesar do semblante duro, quase selvagem, os olhos de Toby exprimiam bondade e compaixão para com o próximo.

Duas semanas depois o fabricante de brinquedos voltou com a encomenda já terminada. Notei que o homem seguira fielmente as instruções de meu patrão, até mesmo em relação aos dentes estragados na boca enorme e a expressão facial carrancuda, o que realçava a fealdade e a aparência feroz de Toby. E, ainda seguindo as instruções que o Velho lhe passara, o boneco já veio totalmente vestido em trajes de marinheiro.

O fabricante de brinquedos esclareceu que as partes que ficavam ocultas sob as roupas eram feitas de madeira; a cabeça, os braços e as mãos foram feitos em borracha, para que pudessem representar mais fielmente a cara carrancuda, a boca enorme com seus dentes proeminentes cariados, os braços fortes e o tom de pele avermelhada de Toby.

Meu patrão exultava de satisfação com o resultado do trabalho e ordenou que colocassem o boneco na biblioteca que ficava no piso inferior da casa — seria seu companheiro em suas horas de leitura, disse. E assim foi feito.

Contudo, como eu já disse, meu patrão tinha péssimo gênio e sentimentos totalmente instáveis. E foi assim que, na primeira ocasião em que se viu presa de seu terrível mau humor, desandou a dar bengaladas no pobre boneco, como se o mesmo fosse o culpado de todas as suas mazelas.

E não parou por aí: fez do boneco um perfeito bode expiatório para a raiva que sentia de tudo e de todos. Hoje, dava-lhe pontapés; amanhã, socos e bengaladas, sempre a insultá-lo, como se o boneco pudesse sentir ou entender alguma coisa.

Certa noite, desci do meu quarto e reparei que o Velho ainda estava acordado, sentado em frente à lareira da sala. Aproximei-me e toquei levemente seus ombros. Imediatamente ele se levantou, gritando como se estivesse possesso.

— Verme miserável, quer me esganar, não é?

Súbito, parou, e recobrado do susto, falou:

— Ah, é você! Pensei que fosse... Interrompeu-se.

— Desculpe, senhor, pensei que tivesse dormido aqui e quis acordá-lo para que fosse para o seu quarto — apressei-me a dizer, aproveitando-me de seu silêncio. Mas quem o senhor pensou que fosse?

— Cuide de sua vida! — foi sua resposta furiosa.

Já naquele instante pressenti que algo o estava atemorizando. Foi apenas um vago pressentimento, que mais tarde veio a confirmar-se, em outras circunstâncias.

Alguns dias depois, durante o café da manhã, o Velho pôs-se de repente a falar:

— Sabe, tive um pesadelo horrível. Mais horrível do que todos vocês, malditos imprestáveis! As mãos... Minha garganta... Sorriso diabólico...

— Como, senhor? Atrevi-me a perguntar, humildemente.

— Não importa, intrometido! Trate de cuidar da sua vida e da sua gravata que está totalmente torta!

— Desculpe-me, senhor. Quis apenas ser gentil.

— Gentil? Cale-se, idiota! Como ousa falar em gentileza quando alguém trama a minha morte?

— Não entendo, senhor...

— Claro que não entende, estúpido! Estou cercado de imbecis! Ainda acabo com todos! Piso na garganta de todos, inclusive desse maldito boneco!

— Ora, senhor, o boneco é apenas um pedaço de madeira com borracha em forma de gente. Além do mais...

Não terminei a frase. O Velho já voltava a berrar a plenos pulmões, insultando a todos.

— Idiotas! Palermas! Tragam-me mais torradas!

Pensei comigo mesmo que o Velho estava ficando paranoico, decididamente louco, e que sua loucura em breve contaminaria a todos nós, que tínhamos de aturá-lo. Realmente não havia motivos para que alguém gostasse dele. Nós, os empregados, o odiávamos. Bem desejei que ele morresse em muitos momentos.

Tempos depois tudo se repetiu. A mesma conversa sobre pesadelos, mãos, garganta, risadas. Sim, ele só podia estar louco, pensei novamente. No entanto, como eu estava enganado! Talvez durante toda a sua odiosa vida ele nunca estivera tão lúcido, descobri mais tarde.

Certa noite, logo após o jantar, ele reuniu a todos na sala do piso inferior e ordenou em tom firme, cruel:

— Você, arrumadeira, amanhã trate de dar um fim naquele maldito boneco. Ele me aterroriza, me provoca calafrios.

— E o que devo fazer com ele, senhor? — perguntou medrosamente a mulher.

— Corte-lhe a cabeça fora, retalhe-o, queime-o, jogue-o no lixo, acabe com ele! Dê um sumiço nele! — vociferou.

— Sim, senhor. Amanhã farei isso. — garantiu a amedrontada mulher.

— E quanto a você — disse virando-se para mim —, quero que tire o maldito boneco agora mesmo da biblioteca. Coloque-o lá fora e tranque bem a porta!

Encerrada a reunião, foram todos para os alojamentos que ocupavam no piso superior — os empregados, para seus pequenos quartos com uma janela, no lado dos fundos da mansão; o Velho, para seu grande e luxuoso quarto com lareira e belas venezianas na parte frontal.

Assim que me vi sozinho no piso térreo, tratei de fazer o que me fora ordenado. E, enquanto trancava a porta da casa, deixando Toby ao relento da noite fria, pensava comigo mesmo: “Pobre Toby! Se fosse um ser humano, por certo lágrimas lhe roliariam pelas faces ao ouvir sua sentença de morte. Pobre boneco... E quem diria que a pessoa que inspirou sua fabricação foi o salvador de seu carrasco”. Com esses tristes pensamentos fui dormir.

EPÍLOGO

Na manhã seguinte, obedecendo à rotina, fui acordar o Velho.

Ao entrar no quarto estranhei sua posição: deitado atravessado sobre a cama, as mãos erguidas e contorcidas, olhos esbugalhados de pavor.

Aproximei-me e parei, sobressaltado. Estava gelado, morto, com marcas de fortes dedos em sua garganta.

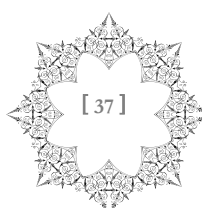
Por alguns instantes fiquei sem saber o que fazer. Estava apavorado diante daquela cena dantesca. Suava em bicas. E se me acusassem? O que seria de mim? Afinal, eu o tinha encontrado morto, mas como provar que não o tinha matado? E todos na cidade sabiam que ele sempre fizera por merecer o ódio que os empregados lhe devotavam.

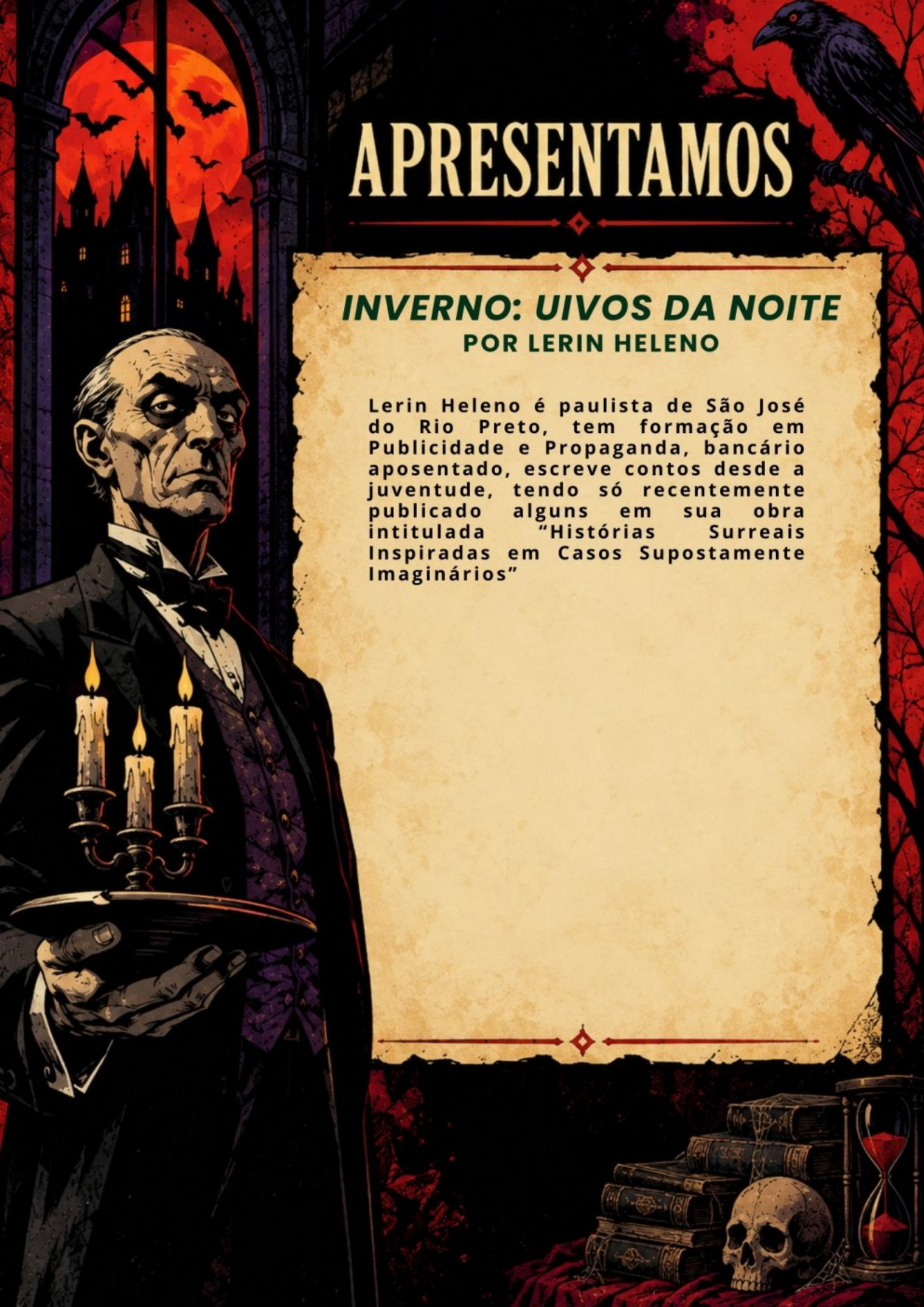
Ponderei por mais alguns instantes e concluí que o melhor seria comunicar sua morte em condições suspeitas à polícia. Afinal, eu era completamente inocente e não deveria ter nada a temer.

Ja já saindo do quarto quando ouvi um risinho medonho, sinistro, que fez gelar meu sangue nas veias. Aterrorizado, virei-me para o lugar de onde vinha o ruído. Foi quando me deparei com Toby, parcialmente oculto na penumbra...

Sorria um sorriso cariado.

Nota do Autor: Os confrontos armados da Primeira Guerra Mundial chegaram ao fim com a assinatura do Armistício de Compiègne, na França, em 11 de novembro de 1918, embora a data oficial do final do Grande Conflito tenha ocorrido somente em 28 de junho de 1919 com a assinatura do Tratado de Versalhes.





APRESENTAMOS

INVERNO: UIVOS DA NOITE POR LERIN HELENO

Lerin Heleno é paulista de São José do Rio Preto, tem formação em Publicidade e Propaganda, bancário aposentado, escreve contos desde a juventude, tendo só recentemente publicado alguns em sua obra intitulada "Histórias Surreais Inspiradas em Casos Supostamente Imaginários"



Ano 1932. Sexta-feira. Lua cheia. Em algum lugar remoto...

Já quase embriagada, ela entrou no bar agitado em uma noite gelada de dezembro, fugindo apavorada dos uivos horripilantes que pareciam estar cada vez mais perto. O Natal se aproximava e o entusiasmo causado pelo espírito natalino contagiava a todos. Todos falavam ao mesmo tempo, ao som do tilintar de grandes canecas de cerveja.

Analizou o ambiente e escolheu uma mesa encostada à parede, de onde poderia praticar seu passatempo favorito: observar as pessoas a sua volta e imaginar o caráter de cada uma delas, baseando-se apenas pelo que falavam, o tom de voz e os gestos que faziam enquanto conversavam — com os outros ou com elas mesmas.

Na mesa à esquerda havia um homem sozinho, já idoso, magro, calvo, óculos de lentes grossas, lábios finos e narinas apertadas.

“Cara de hipócrita” — concluiu. “Sim, um hipócrita, com certeza. Deve ter vivido uma vida de mentiras e falsidades. Certamente já enganou muita gente em sua vida desprezível. Deve ser odiado por muitos. Seu fim não será nada feliz. Talvez acabe se matando”.

Mas... será ele?

Mais adiante, na mesa do canto, havia dois rapazes conversando alegremente. O entusiasmo de ambos pelo novo líder do povo era evidente.

— Ele ainda não tem o reconhecimento e o apoio de todos — diziam. Mas não está longe o dia em que ele irá liderar o nosso orgulhoso povo contra os inimigos de nosso glorioso país. Até a vitória total e esmagadora! — brindaram.

“Idiotas!” — pensou ela. “Ainda não perceberam que esse grande ‘líder’ não passa de um louco, ávido de poder, que um dia conduzirá nosso país ao caos e à ruína”.

Seria um deles?

Virou-se para a mesa à direita. Um rapaz de seus trinta anos revezava goles de Steinhäger com copos enormes de cerveja.

“Forte, mas feio e antipático à primeira vista” — avaliou. “Deve ter problemas com as mulheres. Com certeza já foi rejeitado dezenas de vezes. E quando não consegue o que quer com boas maneiras, duvido que ele não o consiga pela força. Aliás, já deve ter desistido de tentar conseguir o que quer usando de bons modos. Com certeza já se transformou num estuprador nojento há muito tempo!”

Talvez seja ele!

Na mesa mais ao fundo do bar havia uma mulher. Trinta e tantos anos, maquiagem carregada, na tentativa de aparentar alguns anos mais jovem.

“Uma prostituta decrépita” — observou para si mesma. “Deve estar gastando o pouco que ganhou ontem, antes de tentar outro cliente para ver se consegue sobreviver por mais um dia. Uma fracassada que adotou a prostituição como meio de sobrevivência. Mais uma suicida em potencial. Nisso, ela é igual a mim”.

Não, não pode ser ela.

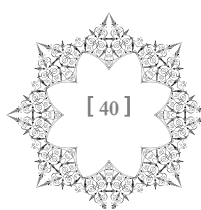
Há muito tempo ela desistira de buscar o que chamavam de “um trabalho honesto”. Morava em um minúsculo quarto de aluguel, infestado de baratas e parasitas que se alimentavam de seu sangue nos meses mais quentes do ano. Fazia muito tempo que só lhe restara a prostituição como meio de sobrevivência. E hoje, com quase 40 anos, não bastando estar sofrendo de depressão e alcoolismo crônico, descobrira estar também com sífilis — mais um mal a afligir seu corpo enfraquecido e já quase esquelético. Sabia que, assim que os clientes, que já eram escassos, descobrissem que foram contaminados por ela, tratariam de denunciá-la às autoridades da saúde pública, e seria impedida de exercer sua profissão. Realmente, não vislumbrava quaisquer perspectivas de uma vida melhor.

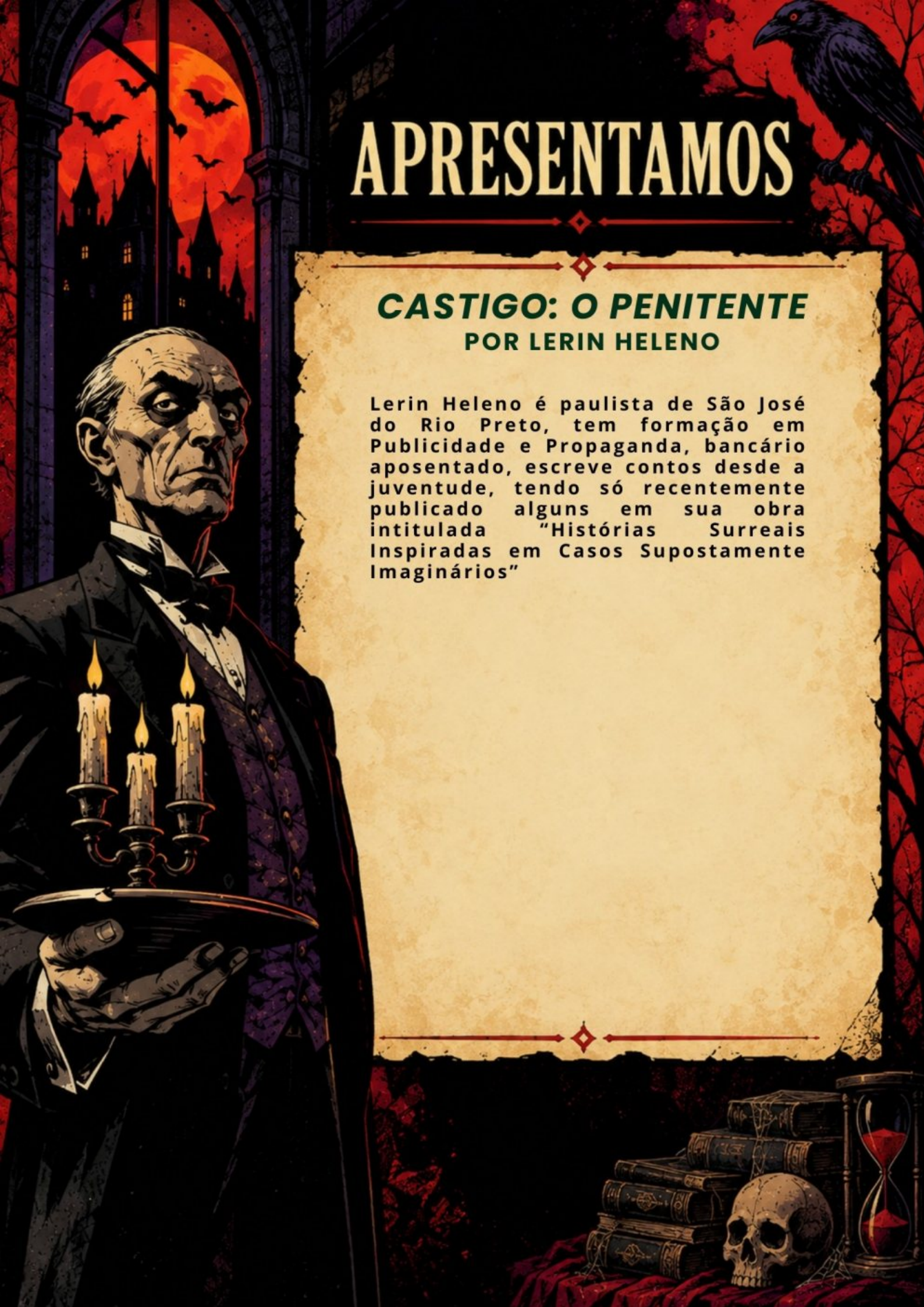
Ela então olhou para a garrafa de bebida a sua frente, imaginando como seria fácil pôr um fim a sua vida miserável com um simples caco daquele vidro... *se a Criatura não a atacasse antes.*

Pediu a conta mas não esperou que a trouxessem. Saiu pela mesma porta em que entrara, já totalmente embriagada, tropeçando nas pedras irregulares da calçada.

Seu corpo foi encontrado em meio a uma poça de sangue na madrugada gelada do sábado, a garganta aberta por *alguma coisa* não identificada.

Ao longe, ouvia-se um uivo horripilante.





APRESENTAMOS

CASTIGO: O PENITENTE POR LERIN HELENO

Lerin Heleno é paulista de São José do Rio Preto, tem formação em Publicidade e Propaganda, bancário aposentado, escreve contos desde a juventude, tendo só recentemente publicado alguns em sua obra intitulada "Histórias Surreais Inspiradas em Casos Supostamente Imaginários"

Ano 1968. Em algum lugar...

Existem na vida fenômenos para os quais, por mais que procuremos uma explicação, seja ela racional ou no campo do sobrenatural, não conseguimos encontrar. Exemplo disso é o estranho caso de meu paroquiano Nathan.

Dirão por certo que estou sendo vítima de alucinações, que estou ficando louco. Porém estou lúcido. Muito lúcido. E o fato que vou relatar realmente aconteceu... Eu *vi*.

Prefiro prudentemente omitir o meu nome, mesmo porque as pessoas deste povoado me chamam simplesmente por *Frei* — o que realmente sou: um presbítero franciscano. Recém ordenado, cheguei a esta pequena e humilde paróquia para substituir o velho padre, que havia falecido depois décadas dedicadas a prestar ajuda espiritual ao povo daqui.

Ao chegar, instalei-me na casa paroquial, que se constitui por apenas três pequenos compartimentos — quarto, cozinha e banheiro — anexos à nave da Matriz de São Francisco de Assis, com uma porta dando diretamente para a rua.

Sendo ainda jovem, procurei imprimir meu próprio modo de exercer o sacerdócio, visitando cada um dos paroquianos e tornando-me grande amigo de muitos deles. Um deles era Nathan.

Nathan morava em uma fazenda próxima ao povoado. Ele não era má pessoa. Pelo contrário. Mas, como todo mundo, tinha seus defeitos, o pior dos quais era o hábito de beber desmedidamente. Muitas vezes conversamos sobre isso e ele sempre dizia que se esforçava para abandonar o vício. Mas o fato é que ele continuava a beber. A beber cada vez mais.

Certa noite, já quase madrugada, fui acordado por meu amigo, que batia na porta de minha casa com fúria descontrolada. Levantei-me e fui atender aos seus chamamentos desesperados. Abri a porta e procurei acalmá-lo:

— Por Deus, o que deu em você? — perguntei em tom de voz o mais amigável possível, enquanto o puxava para dentro da casa paroquial e trancava a porta.

— Aconteceu uma coisa terrível... Preciso me confessar!

— A esta hora? E porque não podemos simplesmente conversar como os bons amigos que somos?

— Não! — retrucou Nathan. Tem que ser no confessionário.

— Está bem. — falei. E, acendendo algumas luzes da igreja, levei-o até o confessionário.

— Já posso me confessar? Já estamos em confissão? — perguntou Nathan, num tom de voz que era puro desespero.

— Sim, meu amigo, pode se confessar. — eu me recusava a tratar um grande amigo, tão jovem quanto eu, por “filho”, mesmo no confessionário.

— Frei, que Deus me perdoe, mas matei uma mulher!

— O quê? — repliquei surpreso, quase em choque.

— É isso mesmo. Quando vinha da cidade vizinha para cá. Foi logo depois da ponte. Não sei como, mas de repente ela surgiu à minha frente como se saísse do nada. Ou... sei lá... acho que ela saiu de detrás daquela árvore logo depois da ponte.

— E o que você fez?

— Parei para socorrê-la. Mas ela já estava morta. Uma ruiva. Acho que uns 30 anos. Estava com o crânio esmagado e o olho esquerdo saltado da órbita, pendurado sobre o rosto. Fiquei apavorado... eu estava embriagado. Entrei no carro e corri para cá. O que você acha que devo fazer, Frei?

Apesar de ser difícil para mim dizer a ele o que deveria fazer, eu não tinha outra alternativa a não ser sugerir a meu amigo que se entregasse à polícia, mesmo sabendo que, ao se entregar, não haveria qualquer possibilidade de ele ser absolvido num julgamento. Todos, na fazenda e no povoado, sabiam que ele era alcoólatra. Sem dúvida, a acusação diria que ele estava embriagado ao atropelar a vítima. E era verdade.

— Me entregar, não. Prefiro que me passe uma penitência, mesmo que seja uma das mais duras, para que eu possa expiar meu pecado e obter o perdão de Deus.

Tentei convencê-lo a se entregar, dizendo-lhe que a melhor forma de obter o perdão de Deus seria pagando pelo seu crime segundo a lei dos homens. Mas Nathan estava firmemente decidido a não se entregar. E, estando protegido pelo sigilo do confessionário, sabia que eu jamais poderia delatá-lo.

Duas semanas havia se passado desde aquela fatídica noite. O único tabloide da cidade, que só saía uma vez por semana, ávido por notícias com apelo popular, coisa que raramente acontecia em nossa pequenina cidade, fartou-se de publicar o fato em edições extraordinárias diárias. Manchetes pretensiosamente sensacionalistas pululavam na primeira página todos os dias: “Estranho Atropelamento na Rodovia”, “Motorista Foge Após Esmagar Vítima” etc.

Passou-se mais um mês e, como o fato já perdera grande parte do interesse — até o tablóide da cidade votara a ter apenas edições semanais —, e como a polícia nada conseguira descobrir, Nathan resolveu voltar à cidade vizinha, maior e com mais opções de diversão. Antes não tivesse jamais deixado a fazenda...

Era uma quarta-feira. Como sempre, passou primeiro em nosso povoado e me procurou na casa paroquial. Fiquei preocupado. Por certo, ao chegar ao bar e juntar-se aos amigos começaria a beber demais e a falar demais. Sim, eu estava certo de que naquela noite ele se meteria em complicações com a Lei.

E, realmente, naquela noite ele se viu presa da lei. Mas não da lei dos homens...

Eram por volta de duas horas da madrugada quando ouvi o carro de Nathan parando em frente a minha casa. Saí imediatamente ao seu encontro. Tinha um estranho pressentimento... Mal abri a porta e ele entrou, pálido como nunca o vira antes. Falava ininterruptamente.

— Frei, você pode dizer que estou louco, delirando, o que quiser. Mas tenho que dizer. E vou falar já... Vinha eu voltando da cidade, em alta velocidade, quando aquele vulto maldito, aquele rosto amaldiçoado, surgiu à minha frente, em meio à estrada. Acelerei, pisei fundo mesmo, e passei correndo o mais que o carro me permitia. Assim que passei por *ela*, olhei pelo retrovisor. Nesse instante surgiu um caminhão na direção contrária. Seus faróis eram fortíssimos e iluminaram toda a estrada. E pela luz dos faróis do caminhão eu vi os *olhos* dela. O direito estava em sua cavidade, mas o esquerdo estava saltado, pendurado... Acho que estou mesmo ficando louco. Mas quero provar para mim mesmo se estou ou não. Tenho uma idéia que vai me permitir descobrir a verdade. Uma ideia que vai me permitir saber se aquele vulto, aquele rosto, é real ou não: eu vou *tocar* nele.

Senti um calafrio percorrer minha espinha. Não sabia se Nathan estava se portando como o insensato de sempre ou se estava me dando uma enorme lição de coragem. Porém, fiquei mais aterrorizado quando ele me disse, friamente:

— E você vai comigo, Frei. Não adianta negar. Quero saber se você também vai ver aquela figura macabra ou se só eu tenho esse poder — sorriu sarcasticamente ao dizer isto. Pensei até que ele fosse me estrangular quando envolveu meu pescoço com as mãos grosseiras e disse:

— Não adianta negar, meu amigo. Se você não quiser ir por bem, irá amarrado. Mas irá! Entendeu, Frei?

— Está bem, está bem. — respondi, totalmente aterrorizado, diante de sua visível disposição para a violência. Amanhã iremos à cidade vizinha e, na volta, tiraremos tudo isso a limpo.

Mais calmo e confortado, Nathan entrou no carro. Antes de dar a partida, ainda insistiu:

— Frei, não vai mesmo me passar uma penitência? Preciso expiar meu pecado...

— Reze a Deus para perdoá-lo e distribua esmola aos pobres. Ajude os mais necessitados como fazia nosso padroeiro. Siga o exemplo de São Francisco de Assis. — aconselhei.

Então voltei para o quarto. Tomei um copo d'água, sentei-me na cama e me pus-me a refletir. Via-me presa de tormentosa dúvida. Não sabia se logo pela manhã deveria levar o médico do povoado até ele ou se deveria acompanhá-lo à noite até a cidade vizinha. Mas é engraçado como o homem se sente fascinado pelo inexplicável, pelo sobrenatural. Teme-o, renega-o, mas é capaz de esforços descomunais para compreendê-lo.

Assim pensando, decidi-me por acompanhá-lo.

Como havíamos combinado, Nathan chegou à casa paroquial logo ao anoitecer. Entrei no carro e logo percebi que seu hálito recendia a whisky. Pensei em censurá-lo, mas percebi que seria inútil. Assim, fomos para a cidade vizinha e provavelmente não trocamos mais do que uma dúzia de palavras durante todo o percurso.

Assim que chegamos, dirigimo-nos ao bar que Nathan freqüentava habitualmente. Confesso que me sentia bem desconfortável, senão ridículo, vestindo meu inseparável hábito franciscano marrom naquele ambiente. Tive ainda que ouvir alguns gracejos dos freqüentadores do lugar, até que Nathan esmurrou o balcão furiosamente, gritando para que todos ouvissem:

— Calem a boca! Deixem o Frei em paz, vagabundos!

Silêncio total.

Assim, as horas foram passando. E, enquanto eu bebia água e refrigerantes, Nathan bebia doses generosas de whisky até quase duas horas da manhã.

Inexplicavelmente, quanto mais bebia, mais calado se tornava. Pareceu-me que a bebida já não fazia mais nenhum efeito sobre ele. Foi quando ele, de repente, levantou-se e disse:

— Vamos embora. É chegada a hora da verdade.

Pagamos a despesa e saímos. Nathan dirigia em alta velocidade. Repreendi-o, contudo ele me disse para ficar em silêncio, pois sabia o que estava fazendo.

Ao nos aproximarmos da fatídica ponte, Nathan, subitamente, diminuiu drasticamente a velocidade. Mal cruzamos a ponte, surgiu, em meio à luz dos faróis, um rosto saído das sombras.

Nathan parou em meio à estrada e ficamos a observar. Então, lentamente, um vulto foi-se formando até se tornar um corpo de mulher. Alta, ruiva, mais ou menos trinta anos, a cabeça ensangüentada.

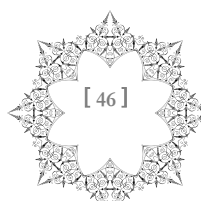
Em meio à claridade dos faróis notei seus olhos: o direito em sua cavidade, o esquerdo saltado fora da órbita, pendurado sobre o rosto.

— Vamos descer. Já! — ordenou Nathan.

Não tive forças para argumentar. Obedeci e saltei do carro. Nathan, com o braço direito estirado para a frente, caminhava lentamente em direção a *mulher*.

Súbito, rapidamente — muito rapidamente —, como por milagre, a *mulher* desapareceu. No mesmo instante, ouvimos claramente — não, não estou louco — o motor do carro roncar. Voltamo-nos bruscamente. Mas já era tarde. Nathan foi atropelado inapelavelmente. A luz dos faróis ofuscava as minhas vistas. Eu mal conseguia enxergar. Então, tão rápido quando se movera, o carro parou.

Corri em socorro de Nathan. Seu corpo jazia na estrada, com o crânio esmagado e o olho esquerdo saltado, pendurado sobre o rosto...





APRESENTAMOS

O ESPELHO

POR MARCOS VINICIUS DA EXALTAÇÃO

Sou professor, tenho 42 anos e gosto de ler e de escrever sobre o cotidiano, os conflitos humanos e as relações sob a ótica do banal.



O mais feroz dos animais domésticos

é o relógio de parede:

conheço um que já devorou

três gerações da minha família.

— *Mário Quintana, "Relógio"*

Luíza limpou o espelho com a palma da mão. “Não sou eu quem está aí”. Esse pensamento vai embora tão rápido quanto veio. Luíza o afasta como uma ideia descabida. Sente-se tola ao olhar o espelho, após sair de um banho quente, o que, naturalmente, o faz embaçar. A estranheza de agora, no entanto, foi ao vislumbrar a própria imagem depois de limpá-lo do vapor. Algumas características pareciam não estar conforme o que ela via até o dia anterior, véspera do seu aniversário de 40 anos.

Alguns convidados já começam a chegar: os amigos mais próximos, poucos, já estavam no apartamento da anfitriã. Luíza não é uma mulher afeita a socializações nem fazia questão de participar ativamente do jogo social. Não que não tivesse traquejo para isso, mas simplesmente lhe exauria o teatro de que se valem as pessoas para estarem harmoniosamente umas com as outras, seja pela oportunidade de redes de contato profissionais ou simplesmente pela possibilidade de conhecer alguém interessante para um flerte, um namoro ou, pelo menos, sexo casual.

Aquele dia, diferente dos outros, era desafiador para ela. Desde sempre escutou a mãe e a avó dizerem que aos 40 a mulher “perde o prazo de validade”, especialmente se não tem filhos. Sua avó era mais cruel: dizia que o útero ficava seco. Declaração que nunca soou como ameaça, pois Luíza nunca quis ser mãe. Publicitária, trabalhava justamente com campanhas de cosméticos que prometiam rejuvenescimento e suavização das marcas da idade. Sabia que aqueles milagres não existiam e, ainda assim, ajudava a vendê-los. Como mulher, via-se engolida pela mesma lógica que alimentava.

Luíza se apressa no banheiro ao ouvir as vozes aumentando na sala. Sabia que poucas pessoas estavam ali por afeto; a maioria cumpria um protocolo social. Olhou para o relógio: 17h59. Júlia, uma das poucas pessoas que não trabalham com Luíza, e sua amiga pessoal, vê a aniversariante em uma roda cuja principal discussão era se uma das candidatas teria “nariz adequado” à campanha. Discretamente, puxou Luíza a um canto. “Como você aguenta isso todo dia? Essa gente não se manca que tá no seu aniversário e para de falar essas merdas pelo menos por hoje?” Luíza sorri de um jeito que Júlia entende na hora e as duas fogem para a varanda, onde acendem um baseado. “O pessoal da agência é meio careta... são publicitários fora da curva”, e ri. Júlia solta um “Foda-se” com uma baforada e as duas caem na gargalhada.

“Mas e aí: como é chegar aos 40?” Aquela pergunta incomoda Luíza de um jeito que ela simplesmente balança o ombro e responde “É foda”. Júlia é mais nova, tem 35, e ambas sabem que essa diferença de 5 anos, nessa faixa etária, é muito significativa. Conhecendo Luíza o bastante, sabe que ela temia chegar a esse marco. “Amiga, você sabe que vai continuar sendo a mesma pessoa, né? Tipo, nada vai mudar da noite pro dia, não é assim que as coisas funcionam.” “É, eu sei”, responde sem convicção.

O dia seguinte chega e Luíza acorda esbarrando em uma garrafa de cerveja deixada no batente da porta. “Quem terá sido o filho da puta que deixou isso aqui?” Joga a garrafa no lixo, passa um café e toma um banho, dessa vez frio pra ajudar o corpo a reagir à brutalidade daquela hora tão precoce. Faz sua rotina de autocuidado: shampoo, condicionador, óleo corporal... olha no espelho, está embaçado, mas como? A água não estava quente. Desembaça o vidro com a mão e precisa olhar com mais cuidado dessa vez: uma marca na altura do olho direito, sutil, desponta, feito um erro de impressão numa fotografia revelada com pressa. Podia jurar que aquele vinco não estava ali no dia anterior.

Sai para a caminhada de domingo, passa na cafeteria e entra no mercado à procura de adoçante, o que tem já está no fim. Compra verduras no hortifruti para a salada e leva petiscos para Gilda, a gata. Encontra o esquisito do andar de baixo saindo do prédio. Não sabe muito dele, apenas se cumprimentam quando é preciso e tchau. Dessa vez, ele para na porta do edifício, segurando pra que ela passe. “A senhora quer ajuda para subir com as compras?” “Não, obrigada” e entra. O que aconteceu ali? Aquele homem nunca tinha

ultrapassado um bom dia com aceno de cabeça, meio se desculpando, e Luíza gostava de achar que era um sinal de que ela o intimidava, gostava da sensação.

Aquela situação foi diferente das breves interações anteriores. Ficou tentando lembrar se ele alguma vez teve uma atitude parecida: parar para dar passagem a ela e... “senhora”?! Buscou na memória as poucas vezes em que se encontraram no elevador ou no saguão, se ele já a havia tratado daquela forma. Era gentileza? Cavalheirismo? Aquele homem deveria ter a mesma idade que ela, que tratamento inusitado. Voltou ao espelho. A marca continuava lá.

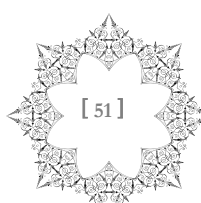
No dia seguinte, evitou olhar-se. Se penteava o cabelo ou escovava os dentes, o fazia por instinto, de costas para a própria imagem. Atrasada, pediu um Uber para o trabalho, o retrovisor rogava seu olhar, mas ela não cedeu. Entrou no prédio da empresa e André, abriu a porta: “Bom dia, dona Luíza”. “Bom dia, André.” Ela ouviu mesmo aquele “dona”? Ele nunca a tinha tratado assim. Luíza pensou estar escutando mais do que o necessário. Será que estava ficando surda ao contrário? Quando desceu no andar onde trabalhava, se deu conta do corredor de espelhos que teria de atravessar para chegar à sala de reuniões. Aquilo não era surpresa pra ela, pelo contrário, diversas vezes se pegava desfilando por aquele corredor observando se tudo estava no lugar: roupa passada, cabelo impecável, a silhueta torneada pelo salto do sapato. Mas hoje não. Seguiu por aquela galeria de reflexos sem olhar para os lados, mas a visão periférica denunciava a ameaça. Era só virar um pouco a cabeça e lá estava: ela mesma, mas de que forma?

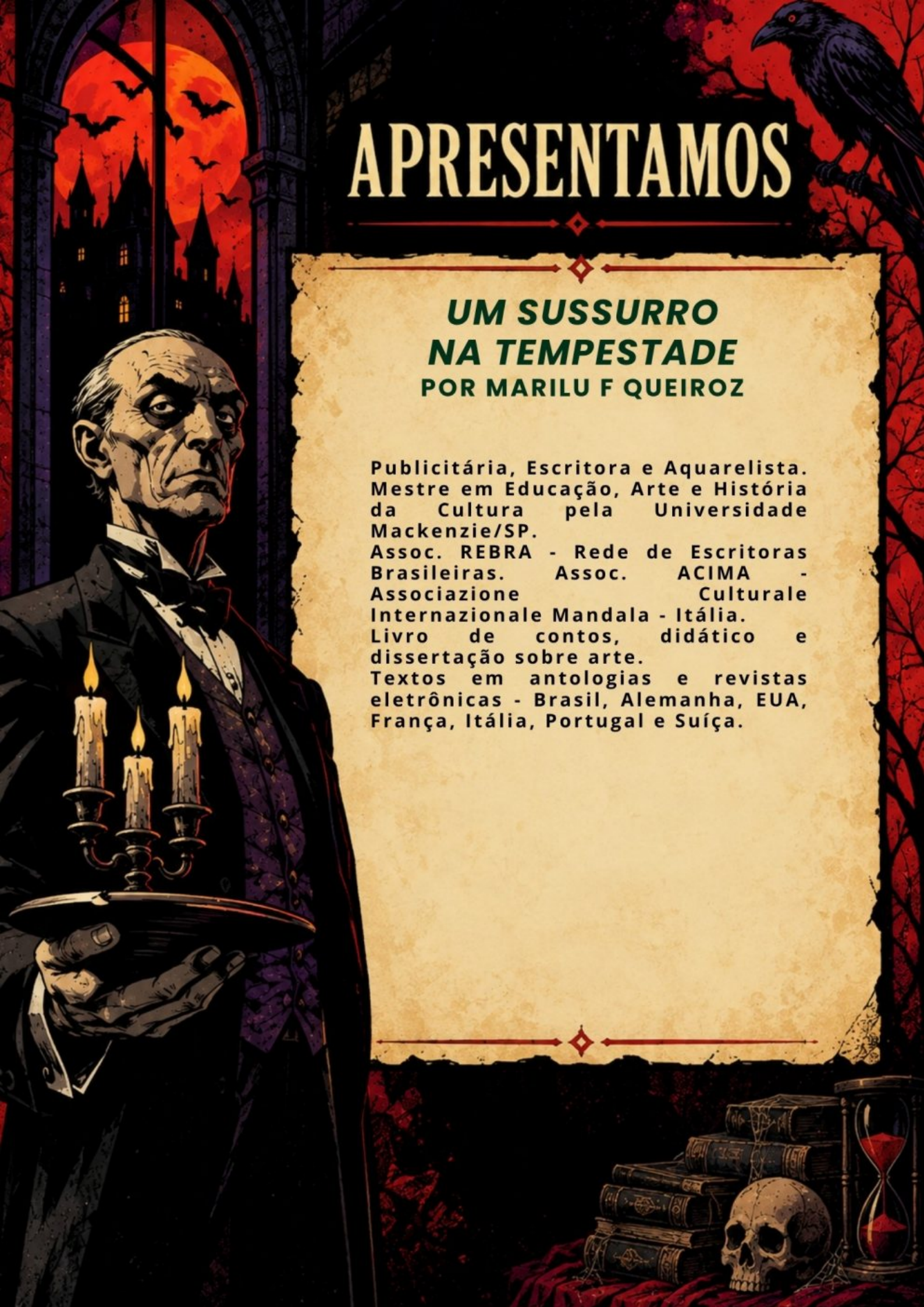
Mas seria ela mesma que veria? A impressão era a de estar sendo seguida por si própria, queria atravessar o mais rápido possível aquela tortura, apressou o passo, o andar era vacilante, mas como? Tinha costume com o salto fino, mas não era o salto, a perna pesava, a bolsa parecia de chumbo, aterrissou em cheio, os joelhos como pó. Sentiu que a levantavam pelos braços e a colocaram em uma cadeira, a reunião transcorria normalmente. “Desculpem o atraso”. “Imagina, a senhora quer uma água? Um tombo desses é perigoso”. Luíza olhou para Maíra, a estagiária que lhe oferecia um copo d’água e se preocupava que seus ossos se quebrassem com um simples tombo. O olhar que ela lançou para a moça deve ter sido aterrador, pois ela imediatamente saiu de perto.

Luíza notou que todos a olhavam. “Gente, tá tudo bem, foi só um escorregão, caí porque tava atrasada, só isso.” “Eu já falei que a gente precisa colocar um piso

antiderrapante por aqui”, alguém falou. “Eu não preciso de um piso antiderrapante, eu só quero participar da reunião, podemos?” “Claro, querida, inclusive, estávamos esperando você chegar para fazer a surpresa: não precisamos de modelos de fora, essas meninas que, de tão perfeitas, parecem de plástico. Queremos alguém real, independente da idade. Por isso, escolhemos você pra ser o rosto da nossa nova linha de cosméticos”. Quando Carlos terminou de falar, clicou no controle remoto e, na imensa tela da sala de reuniões apareceu uma imagem que fez Luíza gelar: segurando um frasco com algum creme antissinais e rodeada por outros produtos da marca, era ela. Sorrindo. Definitivamente era ela, mas não poderia ser. “Que porra vocês fizeram nessa foto? Que tipo de brincadeira é essa? Eu não gosto que façam montagem comigo!” “Isso não é uma montagem, querida.” “Isso claramente é uma montagem! E para de me chamar de querida, seu escroto!” Todos olhavam aturdidos, mas aos poucos, os olhares assustados foram dando lugar a sorrisos disfarçados e cochichos. Ela chegou a ouvir um “Coitada”. Sufocada, se levantou para sair, mas não conseguiu desviar a tempo de mirar o próprio reflexo no vidro da sala. Não era um espelho, mas refletia com bastante nitidez o cabelo quase completamente grisalho, os vincos em volta dos olhos e da boca, o pescoço como linhas de um carretel que se desenrolou ao cair no chão. Olhou novamente a imagem na tela, não era montagem. Não queria acreditar em reflexos, precisava ver em si própria: suspendeu as mãos e lá estava: amarfanhadas feito um tecido antigo. “Dona Luíza, tá tudo bem?” Com o susto inesperado, a mão que estava no ar, por instinto, se moveu na direção do rosto de Maíra com tanta força que a lançou no chão.

Em casa, Júlia a colocou na cama e lhe entregou uma xícara de chá, negou. “Você precisa se acalmar, amiga. Você surtou hoje, precisa descansar, esse chá vai te relaxar.” “Eu quero ficar sozinha.” Antes de Júlia sair, pediu: “Cobre todos os espelhos da casa”. Com sede, pegou a xícara, mas antes que pudesse encostar os lábios na porcelana, a figura refletida no líquido a paralisou. Não só porque tinha o rosto em decomposição, quase um esqueleto. O que a fez congelar foi o sorriso na boca descarnada.





APRESENTAMOS

UM SUSSURRO NA TEMPESTADE

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista.
Mestre em Educação, Arte e História
da Cultura pela Universidade
Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras
Brasileiras. Assoc. ACIMA -
Associazione Culturale
Internazionale Mandala - Itália.

Livro de contos, didático e
dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas
eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA,
França, Itália, Portugal e Suíça.

Era uma noite de tempestade. O vento uivava entre as árvores antigas do pequeno parque que cercava as casas. A chuva caía sem trégua, martelando o solo como dedos impacientes de uma entidade invisível. O trovão retumbava ao longe, como se a própria terra estivesse se contorcendo em agonia, e um gemido angustiado ecoava por todo o parque.

Lucca, um jovem de alma curiosa, sempre fora atraído pelo mistério que todos comentavam acerca de um gemido que surgia cada vez que chovia e ventava muito, amedrontando todos os moradores ao redor do parque. Naquela noite, a inquietação o levou a espiar pela janela. As sombras dançavam sob a luz intermitente dos relâmpagos, criando figuras grotescas na vegetação densa. O parque, normalmente um lugar de paz, agora parecia um cenário de pesadelo, tamanha era a aflição. Decidido a saciar sua curiosidade, com o coração acelerado pelo medo, Lucca vestiu a capa de chuva e abriu a porta, sendo imediatamente recebido pelo ar frio e cortante da noite. Seus passos ecoavam no caminho de pedras úmidas, cada som abafado pela fúria da tempestade. Enquanto caminhava, percebeu um brilho estranho entre as árvores. Algo cintilava intensamente, como um farol no meio da escuridão.

Movido por um impulso inexplicável, ele seguiu o brilho, seus pés afundando levemente na lama. A claridade vinha de um pequeno lago no centro do parque. A água, normalmente escura e parada, reluzia com uma luz sobrenatural. Lucca se aproximou, seu coração acelerando diante da expectativa do desconhecido. Foi quando ouviu um sussurro baixo e rouco, quase inaudível em meio ao som da chuva e da ventania. Um som agonizante!

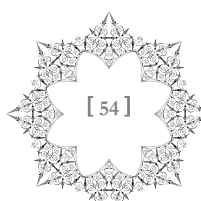
— Ajuda-me... Ajuda-me...

A voz parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo. Lucca hesitou. Gotas de suor escorriam pelas suas costas, e seu rosto, empalidecido pelo medo, começava a revelar o pavor que tomava conta de seu ser, como uma longa carreira de formigas. Que sensação estranha! Seu instinto lhe dizia para correr, mas algo mais forte o mantinha ali, estático. Olhando para dentro do lago, viu a origem da luz: uma figura esquálida emergia lentamente da água, com os olhos escuros e avermelhados fixos nos dele. Era uma mulher, ou o que restava de uma. Seu rosto era um eco de tristeza e desespero. Sua roupa, toda suja e esfarrapada, dava-lhe um ar de extremo terror.

— Por favor, liberte-me...

A figura implorou, chegando cada vez mais perto. Sua voz agora era clara como cristal. Lucca sentiu uma onda de compaixão e terror ao mesmo tempo. Como poderia ajudá-la? Antes que pudesse perguntar, a figura apontou para uma árvore próxima, onde um antigo medalhão estava preso entre os galhos. Com mãos trêmulas, Lucca pegou o estranho objeto, sentindo a energia vibrar através dele. O medalhão parecia pulsar, como se tivesse um coração próprio. Sem saber o que fazer, lançou-o na água, na direção da estranha figura. O lago brilhou intensamente por um instante e, então, tudo ficou em silêncio.

A figura desapareceu, e a luz sumiu com ela. Lucca ficou ali, sozinho na escuridão, enquanto a chuva agora era apenas um sussurro comparado aos gritos que ecoavam em sua mente. Enquanto voltava para casa, sabia que jamais esqueceria aquela noite. O parque, mesmo sombrio e úmido, agora tinha um segredo a menos. Mas... quantos outros estariam escondidos sob a superfície tranquila? Essa era uma pergunta para outra noite de tempestade.





APRESENTAMOS

2H17, NINGUÉM SAI DE VERDADE

POR RAQUEL FIORI

Pesquisadora, Doutora em Educação e Conselheira Federal de Química, Raquel Fiori passou a vida profissional estudando os elementos que afetam a vida e a saúde humana. Após décadas de atuação nos corredores assépticos de laboratórios de saúde pública, passou a usar a escrita para explorar as reações mais escuras da mente humana. Acostumada a analisar substâncias invisíveis e compostos tóxicos no mundo real, hoje anatomiza a culpa, o medo e o sobrenatural em suas ficções. 2h17, Ninguém sai de verdade é sua incursão pelas sombras do horror psicológico e visceral.



No Sanatório da Colina havia um elevador que ninguém usava sozinho, um gigante de ferro e madeira que parecia respirar junto com a estrutura dos anos 1940. Médicos, pacientes e até os maqueiros evitavam o setor, especialmente de madrugada, cheio de galerias intermináveis e luzes frias que piscavam sem motivo.

Este ficava próximo à ala desativada da antiga UTI, onde um aviso amarelado ditava: “Capacidade máxima: 6 pessoas”. Mas o aviso que realmente importava era aquele sussurrado: “Nunca entre sozinho no elevador depois das duas da manhã”. Geralmente, o pessoal do serviço de limpeza cruzava o corredor e, ao passar em frente ao elevador, fazia o sinal da cruz e acelerava o passo.

Clara, enfermeira recém-contratada com o ceticismo típico de quem confia apenas em prontuários, achava aquelas lendas ridículas. Na terceira semana de plantão noturno, recebeu ordens para levar documentos ao subsolo. Antes de sair, cruzou com o Dr. Heitor no corredor. O médico mal ergueu os olhos dos prontuários e seguiu adiante. Mais tarde, ela descobriria que aquela seria a última noite em que o encontraria verdadeiramente o mesmo.

E lá estava o gigante de ferro, aberto, vazio, como se a estivesse esperando. Ela entrou, empurrando o carrinho de metal, e as portas se fecharam com um baque pesado. O painel começou a indicar a descida lenta dos andares: 5... 4... 3... No meio do caminho, a luz apagou e, por um breve instante, ele estancou. De repente, o ar dentro da cabine tornou-se subitamente pesado. Clara puxou o fôlego, mas os pulmões responderam com aridez, como se todo o oxigênio do espaço estivesse sendo consumido. O metal do elevador pareceu encolher ao seu redor. Clara suspirou, irritada:

— Mas o que foi agora?

Então ouviu uma voz muito fraca:

— Enfermeira...

Ela congelou. O sussurro parecia vir de trás dela. A enfermeira virou rapidamente, mas encontrou apenas o próprio reflexo pálido no espelho velho do elevador.

Respirou fundo:

— Deve ser o cansaço.

Por um segundo, o reflexo desapareceu e sua imagem deu lugar a uma mulher em uma maca, coberta de sangue e com os olhos fixos no vazio.

A jovem tropeçou para trás, a luz voltou imediatamente e então as portas se abriram, mas não era o andar da sala de Arquivos. A passagem à frente estava mergulhada em uma penumbra amarelada e doentia, com azulejos encardidos que ela nunca vira. Ali, dezenas de figuras em roupas hospitalares antigas a observavam. Nenhuma piscava. Um senhor segurava o próprio braço amputado contra o peito. Mais atrás, pacientes queimados permaneciam imóveis, enquanto um cheiro de carne chamuscada invadia a cabine.

E então, quando a porta ia fechar, uma mão a segurou, e uma mulher magra, com uniforme antigo de enfermeira, impediu que as portas se fechassem, sem se importar com a pressão do ferro contra suas falanges.

No crachá desgastado, lia-se: Helena. Ela sorriu de forma melancólica e sussurrou, com uma voz lúgubre:

— Ainda estamos esperando atendimento, e logo haverá muitos outros para vocês cuidarem.

Sentiu um calafrio ao notar que a enfermeira continuava imóvel ao seu lado. A pele dela tinha um tom acinzentado e cadavérico. Sem ao menos piscar, ela olhava para o relógio preso ao seu pulso, onde o ponteiro dos segundos havia parado.

— O incêndio começou lá embaixo — disse a mulher, revelando metade do rosto desfigurado pelas chamas, mostrando a pele derretida grudada ao osso —, e a história tem um hábito terrível de se repetir exatamente às 2h17.

Clara sentiu lágrimas surgirem sem perceber.

— Quem é você?

A mulher virou lentamente o rosto.

— Fui a última a sair do elevador. Desde então, ninguém mais saiu de verdade.

Neste momento, fez-se escuridão, e ela ouviu gritos abafados, macas correndo, gente tossindo, pessoas queimando, e dezenas de vozes começaram ao mesmo tempo:

— Enfermeira... Enfermeira... Enfermeira...

Quando o térreo foi alcançado, a enfermeira saiu correndo. O segurança, ao ver seu estado, perguntou se ela vira o andar antigo. Ela não respondeu, apenas apontou para o crachá de Helena, datado de 1958, caído no chão.

Clara saiu do prédio às pressas.

Minutos depois, começou o plantão do Dr. Heitor, que, no limite da exaustão, já havia enfrentado três emergências seguidas e duas vidas que escorregaram por entre

seus dedos na mesa de cirurgia. Ele era um homem da ciência, cético ao extremo, que via a morte apenas como a falência de uma máquina biológica, mas aquela depressão seca de quem perdeu a batalha contra o inevitável pesava em seus ombros.

Aquela noite fria trazia consigo uma chuva persistente que chicoteava as janelas de vidro. Heitor tinha aceitado cobrir o plantão de um colega, algo que evitava fazer à noite, não por medo, mas por preferir o rigor do dia.

Por volta das 2h10, ele precisou descer ao necrotério para assinar um óbito. Como o elevador moderno estava em manutenção, contrariado, encarou o gigante de ferro antigo. Quando Heitor entrou no elevador, o segurança gritou:

— Doutor! Não vá sozinho!

Mas Heitor já havia entrado e a porta se fechara.

O frio da cabine pareceu atravessar seu jaleco. No meio da descida, o elevador não parou no andar desejado; travou entre os andares. A luz oscilou até que se apagou. Ele soltou um sorriso fino e sentiu um odor metálico de sangue fresco e o cheiro de ozônio queimado preenchendo o espaço.

Ele acendeu a lanterna do celular, e o foco revelou o horror: no espelho manchado, sua própria imagem estava agachada, com órbitas vazias e um bisturi reluzente na mão. Mas o terror real não estava na imagem, mas no fato de que o reflexo estendeu a mão para fora do espelho, agarrando-o pelo colarinho do jaleco branco com uma força impossível. O frio atravessou a pele do médico, que congelou instantaneamente, como uma camada de gelo fino sobre sua clavícula.

— Você diz que não há nada depois, Doutor? — A voz não veio do ar, mas vibrou dentro de seus próprios ossos.

— Então por que todos os que você perdeu estão aqui comigo?

Atrás do reflexo, Heitor viu o saguão do hospital transfigurado, onde paredes vertiam um líquido negro e as figuras dos pacientes que não conseguira salvar naquela noite estavam lá.

A entidade o puxou contra o espelho, sussurrando:

— O além não é um lugar, Heitor, apenas a memória do que você não soube proteger.

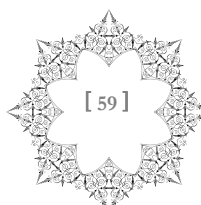
Neste instante, o elevador deu um solavanco e o cuspiu no térreo. Heitor estava com os cabelos esbranquiçados, sua racionalidade estilhaçada para sempre.

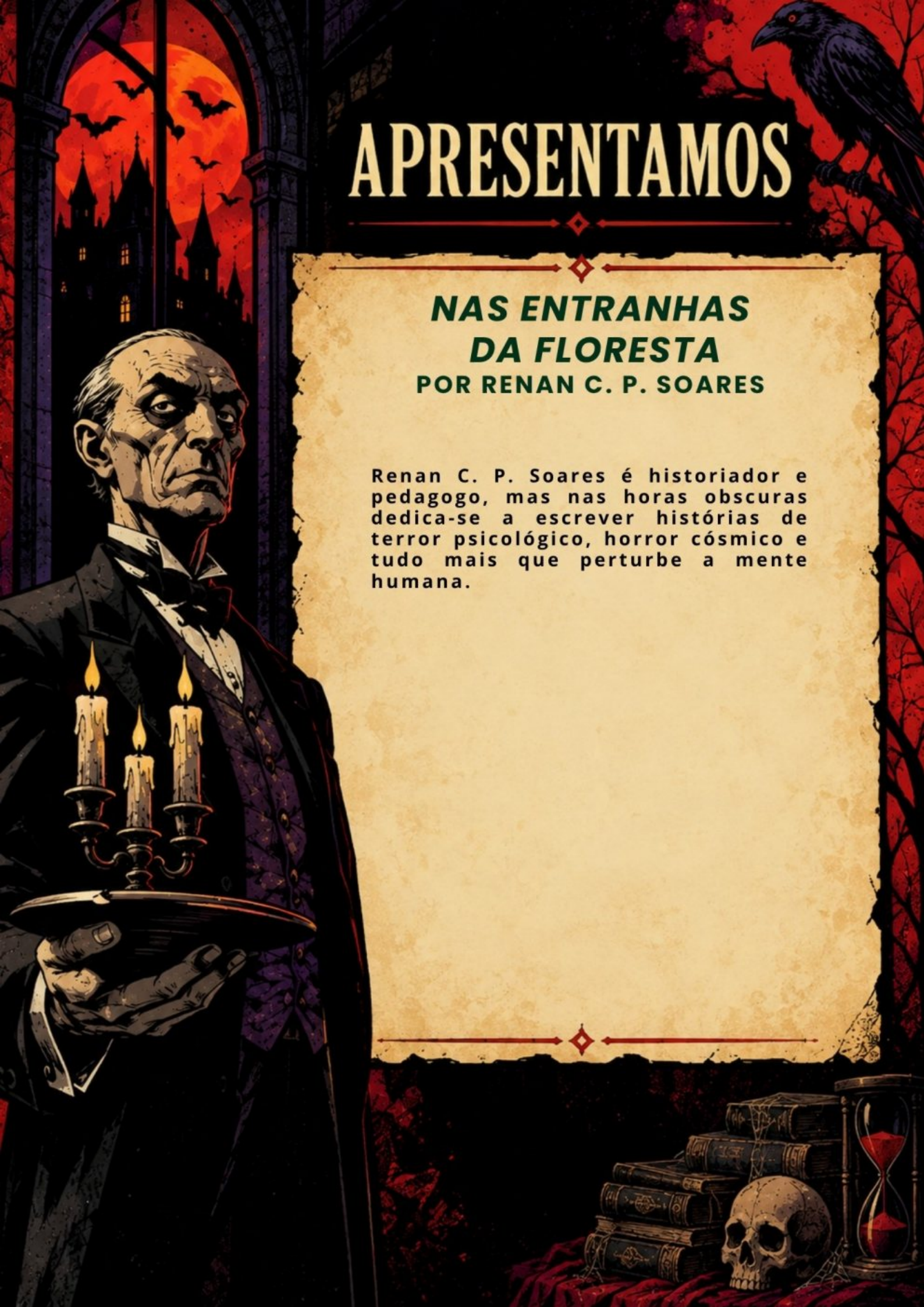
O segurança correu para ajudá-lo, horrorizado com o estado físico do médico. Heitor mal conseguia manter os olhos abertos quando Clara surgiu no saguão, fugindo do prédio em pânico. Ao reconhecê-lo sendo amparado pelo segurança, parou por um segundo. Os dois se encararam em silêncio, unidos por um medo que nenhum deles conseguiria explicar. Ao atravessar o estacionamento, ela olhou para trás e viu o primeiro clarão de fogo subindo pelos dutos de ventilação do subsolo. Eram exatamente 2h17.

Ambos sobreviveram fisicamente, mas a vida que conheciam acabou ali. Heitor nunca mais tocou em um bisturi, e Clara nunca mais pisou em um hospital. Eles sabem que, em algum lugar no silêncio da madrugada, o elevador ainda está descendo.

Ding.

As portas se abriram, e o que entrou com eles naquela noite nunca mais sairá.





APRESENTAMOS

NAS ENTRANHAS DA FLORESTA

POR RENAN C. P. SOARES

Renan C. P. Soares é historiador e pedagogo, mas nas horas obscuras dedica-se a escrever histórias de terror psicológico, horror cósmico e tudo mais que perturbe a mente humana.

Na base da trilha, olhei ansioso para o celular, cujo sinal oscilava. Também olhei ao redor, me certificando de que estava no lugar certo, com a constante sensação de que eu havia feito algo errado. Eu sempre fazia algo errado...

Mas não hoje. Hoje tinha que ser perfeito aquele reencontro. Meu coração acelerou no segundo em que vi aquela mensagem na rede social. Um comentário despretenso, em uma foto aleatória, reacendeu a velha amizade que, na adolescência, parecia indestrutível, mas que o trator da vida adulta atropelara.

Agora, eu olhava a hora pela terceira vez no mesmo minuto. O sinal fraco não permitia a troca de mensagens, mas ela deveria estar chegando.

— Caio.

Me virei e meu coração derreteu diante de sua imagem. Seu rosto era praticamente o mesmo de 20 anos atrás. Seu sorriso frouxo me emocionou. Já seus olhos... Bom... Seus olhos foram sua única mudança. Mas ela estava ali. Minha mais doce amizade de tempos mais simples.

Ela se adiantou e me abraçou fortemente. Eu retribuí. Era tão gostoso sentir o calor de seu corpo. Nunca havíamos ultrapassado a linha da amizade, mas sempre havia em nossos contatos, sobretudo nos silenciosos, a insinuação do que poderia acontecer, se alguém tomasse a iniciativa. Ninguém nunca tomou.

Quando achei que o abraço terminaria, ele continuou. A saudade era realmente muito grande. Se fosse qualquer outra pessoa, o tempo teria extrapolado o bom senso social, mas não com ela. Então senti sua mão segurar minha orelha. Seus dedos finos Tateavam, não como uma carícia, mas como se procurassem algo, chegando a colocar o dedo no buraco do meu ouvido.

Ok... Aquilo ultrapassou o razoável da sociabilidade, até para a gente. Mas antes que eu pudesse questionar, ela me soltou e, ainda segurando meus ombros, disse sorrindo:

— Vamos andar? — se virou e saiu caminhando firme.

A ansiedade, de antes do contato, havia se transformado na mais pura alegria. Mas sinto certo constrangimento, ao perceber que essa alegria cristalina começava a se turvar por pequenos estranhamentos. Quando topei andar por uma trilha, imaginava o cenário

perfeito de horas para atualizações sobre nossas vidas, seus caminhos e descaminhos, mas o passeio estava silencioso demais.

Escolhemos uma trilha fácil, em termos técnicos, mas ligeiramente desconhecida. O isolamento me parecia o ideal para o reencontro, mas agora, ouvindo somente nossos passos sobre as folhas secas e os sons característicos da floresta tropical ao nosso redor, tinha uma sensação ruim. Nesse momento, eu andava um pouco atrás dela, vendo somente sua nuca seguindo decidida na minha frente.

Minhas tentativas de puxar assuntos, ou memórias afetivas, eram barradas por respostas curtas. Não havia impaciência, ou falta de educação nas falas de minha amiga, apenas era como se os temas não despertassem nenhum interesse.

A temperatura, pelo menos, era muito agradável. Também não estávamos cansados, pois ambos estavam em boa forma para nossas idades. Ainda assim, o silêncio constrangedor continuava.

Quando chegamos a 1 hora de caminhada, a puxei pelo ombro delicadamente, fazendo-a olhar para mim. Admito que a angústia que substituiu a alegria, amenizou um pouco, pois não havia nada em sua expressão que indicasse contrariedade ou incômodo. Seu sorriso era sincero e simples. Como eu sempre me lembrei. Senti seus olhos um pouco vagos, mas esses também sorriam.

Não tive coragem de lhe questionar o comportamento e avançamos. Mas não foi fácil. Fingia não estar decepcionado, mas esse sentimento criava raízes profundas na minha mente. E não era somente isso. A floresta, ao redor, se tornava gradativamente mais densa e o ar pesado. Eu nunca tinha feito aquela trilha, apenas lido sobre ela. Em nenhum momento li algo sobre a mata ser tão fechada. “Irei postar sobre isso, quando voltar”, pesei comigo mesmo, já que era o único diálogo que eu tinha.

As horas se passavam e eu tinha dificuldade em manter o ritmo. Somente eu tinha essa dificuldade, pois minha amiga avançava sem parar. Nem mais rápido, nem mais lento. Apenas continuava em frente. Quando ela tinha se afastado quase 5 metros, sem olhar para trás, resolvi chamá-la.

— Preciso beber água. Só um minuto — disse tentando, inutilmente, disfarçar a falta de fôlego. Aquilo me daria algum tempo de descanso.

Minha amiga não reclamou. Apenas voltou sorrindo e ficou parada me olhando. Calmamente, abri a mochila e fingi procurar a garrafa, que estava bem visível. Ela continuou me olhando. Parada.

— Não vai beber água? – perguntei incomodado.

— Não — respondeu sorrindo.

Bebi longamente, evitando olhar para ela. Tomei um longo gole, dando tempo para ela decidir se beberia, ou não, algo também. Terminei simulando, exageradamente, um alívio para a sede. Todos meus atos para fingir normalidade eram, cada vez mais, robóticos.

Ela continuava me encarando em silêncio.

Finalmente, voltei a olhá-la. Em sua expressão, apenas normalidade. Meus olhos, então, foram atraídos para um inseto que caminhava pelo seu ombro. Fiz um gesto com a mão, indicando para ela espantar o pequeno animal, mas minha amiga continuou parada, apenas me olhando, como se não tivesse entendido a sinalização. O inseto caminhou até o seu pescoço e, mesmo assim, ela não pareceu sentir ou se incomodar.

— Tem um bicho no seu pescoço — falei, transparecendo algum nervosismo.

Só então ela reagiu. Calmamente olhou para baixo e tateou o pescoço, segurando o inseto entre os dedos. Estranhei a ação. Era um inseto relativamente grande, um pouco maior do que uma moeda de 1 real. Poderia ser venenoso. Era para espantar e pronto. Mas piorou... Com a mesma naturalidade que sorria, minha amiga levou o inseto para a boca e o colocou inteiro.

Ela ainda me olhava nos olhos, quando ouvi o som crocante do exoesqueleto do animal se quebrando entre os dentes daquela pessoa, que me foi tão importante na juventude. Um líquido grosso e amarelado escapuliu por entre seus lábios para o queixo, mas logo ela passou a língua, deixando-o limpo novamente.

Eu só queria ir embora. Já não era angústia, constrangimento ou incômodo. Eu estava sentindo aversão por aquela pessoa que, de alguma forma, eu já amei. Era só voltar. Virar de costas e seguir pela trilha. Mas como são bizarras as nossas amarras sociais. Mesmo diante de tudo aquilo, eu não queria magoar minha velha amiga. Então segui.

A floresta não contribuíra para melhorar a incômoda sensação que se apoderou do meu estômago. O ar era pesado. Sufocante. Uma umidade viscosa se grudava à pele e fazia parecer que atravessá-la exigia esforço. O chão estava úmido e grudento, apesar de não chover há dias.

Eu já não olhava na direção dela, que andava na minha frente. Meus olhos miravam meus pés, enquanto me perguntava como eu fui parar ali. O cansaço começava a dificultar a organização dos meus pensamentos. Eu precisava de tempo.

— Vou mijar — anunciei e, sem esperar por ela, saí da trilha alguns poucos metros para urinar em uma árvore.

Enquanto me aliviava, estranhei a textura daquele tronco. Não sou nenhum especialista na flora local, mas gosto de fazer trilhas. Nunca tinha visto aquele tipo de tronco. Passei os dedos na casca da árvore e percebi que seu toque era melado e um pouco amolecido, como a pele de um animal. Completamente bizarro.

Acelerei o fim da minha necessidade e virei-me para voltar à trilha, quando soltei um berro de susto.

Minha amiga estava parada, imediatamente atrás de mim, me observando.

— O que.. que... — balbuciei.

— Vou mijar — disse ela e se urinou.

De olhos arregalados, vi a urina molhar sua calça, enquanto ela ainda me olhava nos olhos e sorria naturalmente.

— Chega! — falei. — Eu estou indo embora.

Passei por ela, que permaneceu parada, me olhando ir embora. Demorei mais do que esperado, mas alcancei a trilha. Sem olhar para trás, voltei com passos apressados e tão rápido quanto o cansaço e o ar sufocante me permitiam. Ao meu redor, a luz diminuía rapidamente. Não conseguia ver o céu acima da densa copa das árvores, mas era impossível que já estivesse anoitecendo. Ainda assim, conforme avançava, mais escuro ficava.

Quanto tempo eu estou nessa maldita floresta? Já não conseguia calcular. Mal podia raciocinar. Parei um instante olhando ao redor e tive a sensação de que não estava voltando. E se, retornando para trilha, eu confundi a direção e segui pelo caminho errado?

Meu coração acelerou e a respiração ficou ofegante. Peguei meu celular, que ainda não tinha sinal.

Ainda com o aparelho em mãos, avancei na trilha, onde julguei ser o caminho de volta. A penumbra tornava a floresta assustadora e a trilha confusa. Tive a nítida sensação de ver as raízes e galhos se movimentando lentamente, mas deveria ser apenas truques da minha mente sucumbindo à floresta.

Em determinado momento, parei para organizar meus pensamentos e percebi o som. Ou melhor. A ausência total de som. A floresta tropical, com a maior diversidade de espécies do planeta, estava completamente silenciosa. Cutuquei meu ouvido, abrindo e fechando a boca várias vezes, temendo que fosse minha audição.

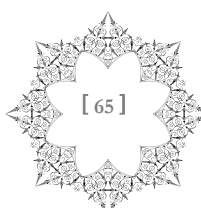
Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. A floresta agora era um breu. Me sentia engolido por ela. Era como estar em seu estômago. Seguia usando o tato, já que os demais sentidos pareciam inutilizados. Foi quando vi uma luz. Claramente uma luz artificial. A luz de uma lanterna. Havia alguém na trilha logo adiante.

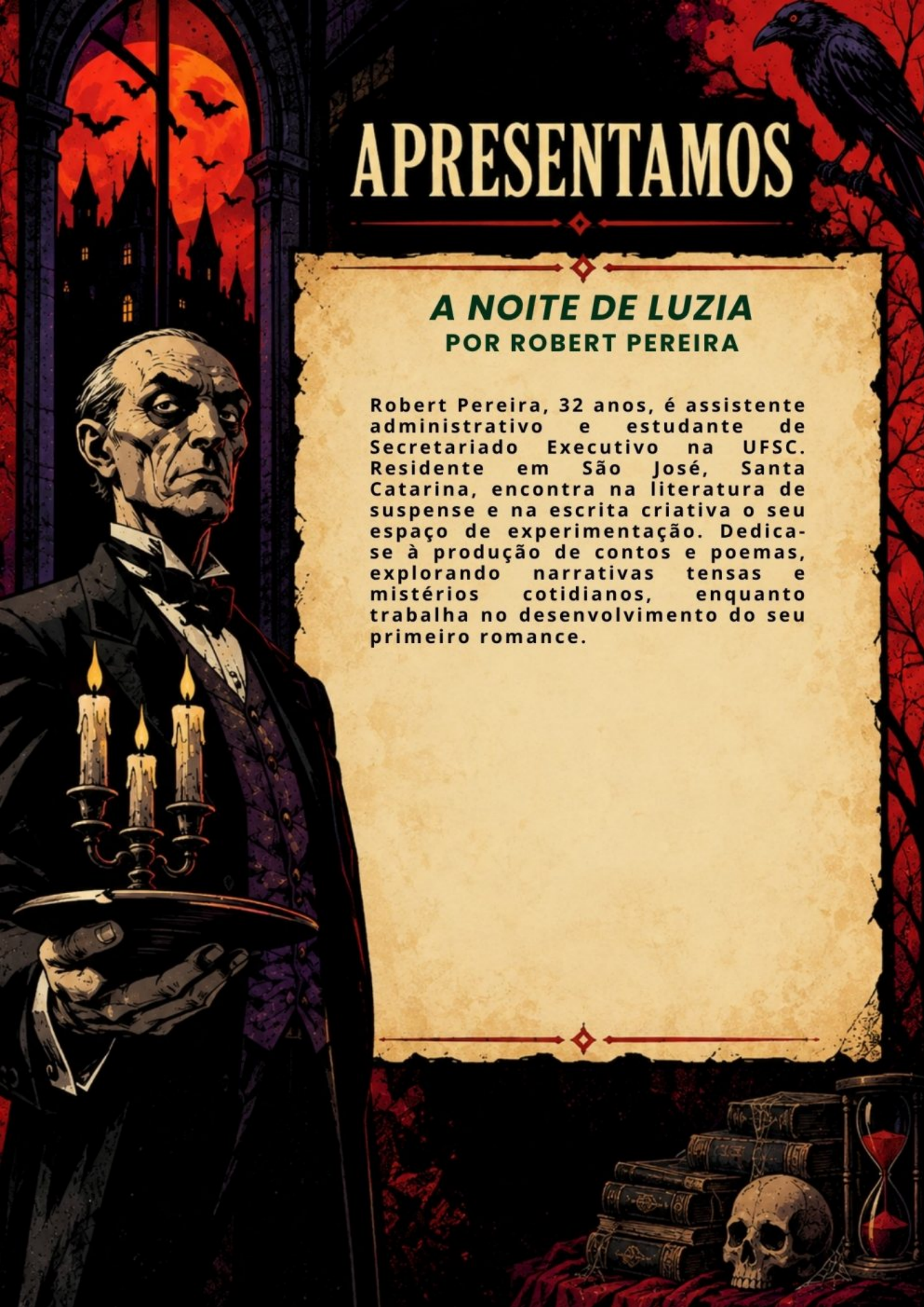
Movido pelo desespero, corri naquela direção gritando por ajuda. A pessoa com a lanterna permanecia parada, com a luz apontada na minha direção, o que dificultava ver seu rosto. A atitude estranha, me fez desacelerar e um frio percorreu minha espinha. Dei os últimos passos lentamente e, por trás do clarão, eu a vi. Minha amiga, sorrindo naturalmente.

Na mesma hora, meu celular emitiu um som de mensagem. Eu estava com sinal! Era minha única chance. Olhei para o aparelho e algumas mensagens haviam chegado ao mesmo tempo. Uma delas, porém, me fez ajoelhar no chão viscoso. Na tela, diante dos meus olhos, estava escrita a mensagem da minha amiga.

“Caio, por favor, me perdoe, mas não vou poder ir na nossa trilha hoje! Vamos remarcar, por favoooooor!!!! Hehe”

A luz da lanterna se apagou. Na escuridão absoluta, senti meu corpo ser tragado, lentamente, pelo solo da floresta quente e úmido.





APRESENTAMOS

A NOITE DE LUZIA **POR ROBERT PEREIRA**

Robert Pereira, 32 anos, é assistente administrativo e estudante de Secretariado Executivo na UFSC. Residente em São José, Santa Catarina, encontra na literatura de suspense e na escrita criativa o seu espaço de experimentação. Dedica-se à produção de contos e poemas, explorando narrativas tensas e mistérios cotidianos, enquanto trabalha no desenvolvimento do seu primeiro romance.

O relógio da parede marcava duas da manhã quando o metal riscou a madeira. Não era um estalo comum de galho batendo ou o barulho da casa assentando. Era o som nítido de uma lâmina serrilhando o trinco da janela da cozinha.

Luzia arregalou os olhos na escuridão do quarto. Ao seu lado, os dois meninos acordaram assustados com o chiado estridente que vinha dos fundos. O marido, pastor da pequena igreja local, tinha viajado de bicicleta até o vilarejo vizinho para dar um sermão em um culto que avançou pela noite, deixando-a sozinha naquela casa que já carregava a fama de maldita. O antigo dono tinha se enforcado na viga da sala, e as painéis que caíam sozinhas de madrugada já faziam parte da rotina.

O vilarejo era isolado e violento. O trem de carga cortava a região nos mesmos horários, trazendo vagabundos e criminosos que pulavam dos vagões para assaltar as propriedades. Era quinta-feira. Naquela cidade, todo mundo sabia que as terças e quintas vinham com uma conta de sangue. Sempre morria um. Para piorar, o grito agudo do rasga-mortalha rasgou o céu naquele exato momento, sobrevoando o cemitério que ficava colado ao muro da casa. Os antigos diziam que a ave era o aviso do fim.

O vira-lata no quintal começou a latir. Luzia mal conseguia respirar, empurrou os filhos para debaixo da cama do quarto principal e ordenou que ficassem quietos.

Ela foi até a cozinha, pisando descalça no chão frio. De repente, o cachorro parou de latir. Sem celular, a única opção de socorro seria correr até o orelhão público na esquina da rua deserta. Mas quem teria coragem? Os vizinhos trancavam as portas e ignoravam qualquer grito de socorro após o anoitecer.

O barulho da faca lascando as frestas da janela de madeira recomeçou, mais forte. O desespero tomou conta. Num impulso de pura adrenalina, ela desferiu um soco violento contra a própria madeira da janela, fazendo a estrutura toda chacoalhar.

O rangido parou na hora.

Ela segurou a respiração, sentindo o coração pulsar nos ouvidos. Segundos depois, passos pesados esmagaram as folhas secas do lado de fora, contornando as paredes. O homem estava indo para a frente da casa, justamente onde ficava a janela do quarto dos meninos.

Luzia correu pelo corredor escuro, entrou no quarto e trancou a porta. Desesperada, começou a bater no interruptor da parede. Acendia e apagava a lâmpada da fachada sem

parar, numa tentativa frenética de chamar a atenção do vizinho da frente através da fresta da cortina.

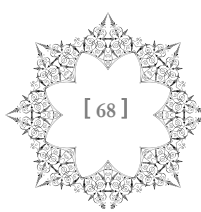
As horas se arrastaram naquele desespero. O homem forçava a veneziana do quarto, tentando achar uma brecha para entrar.

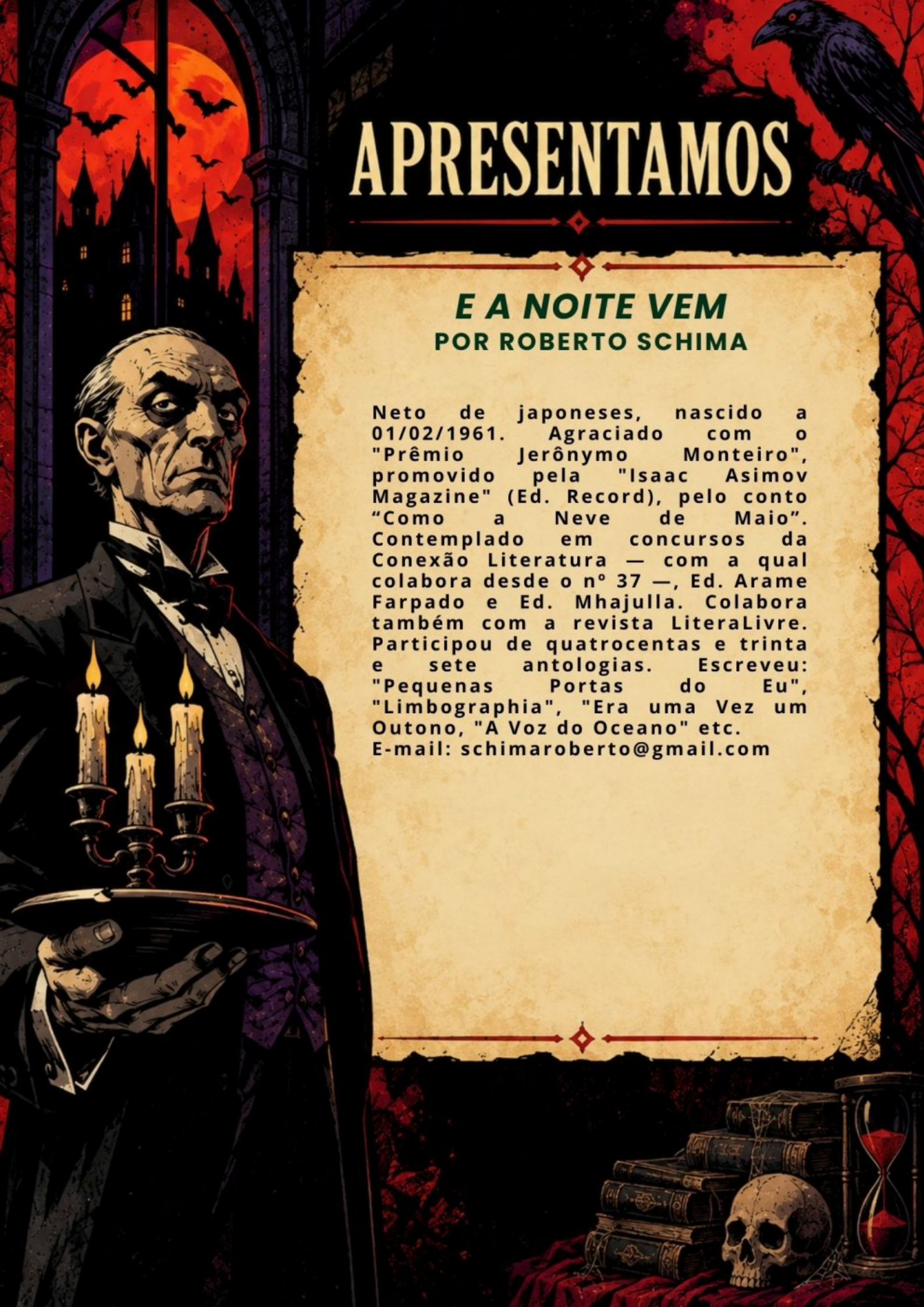
O céu começava a clarear quando o som metálico e familiar do guidão da bicicleta do marido ecoou no portão da frente. Ele finalmente voltava da pregação na comunidade vizinha.

Na mesma hora, os barulhos na janela sumiram.

Quando o dia amanheceu por completo, Luzia saiu com o marido para o quintal, ainda trêmula, mas aliviada por ter resistido ao ataque do assaltante. O prato do cachorro estava vazio, limpo com as raspas de comida que tinham ficado na pia externa da lavanderia. O bicho estava acuado num canto, tremendo. A janela de madeira da cozinha exibia os cortes e pedaços arrancados pela lâmina, e uma trilha de pegadas de barro ia direto até o muro baixo que dividia o terreno com o cemitério.

Ela apontou para o muro, comentando com o marido sobre a audácia do ladrão em pular o cemitério para fugir. Eles subiram num caixote para olhar o outro lado. A trilha de terra úmida continuava nítida entre as sepulturas. No entanto, os passos não seguiam em direção à rua ou aos trilhos do trem. As marcas pesadas de barro caminhavam em linha reta pelo gramado do cemitério e paravam de forma abrupta, sem retorno, exatamente em cima da lápide revirada do antigo dono da casa.





APRESENTAMOS

E A NOITE VEM **POR ROBERTO SCHIMA**

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e trinta e sete antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Era uma Vez um Outono", "A Voz do Oceano" etc.
E-mail: schimaroberto@gmail.com

*No início, havia a noite,
tudo e todo era escuridão.
Fez-se luz do frio açoite,
nasceu, assim, a solidão.*

(Pichação anônima)

A cidade era um organismo imundo, empoeirado, fétido e estafado. Ofegava e rastejava ao findar do dia. Especialmente naquele verão tórrido, quando o ar acima do asfalto dava a impressão de se transformar em vidro derretido e o asfalto se grudava nas solas dos sapatos feito um doce puxa-puxa entre os dentes. Os miolos cozinhavam em banho-maria e a mente desnorteada via tudo rodar em visões de carrossel.

A poeira sufocava.

O suor despertava asco.

Qualquer atividade cansava.

A poluição do ar não se dissipava.

A noite deveria trazer algum alento, todavia, todo o calor armazenado pelo concreto no decorrer do longo dia era devolvido em pequenas doses. De tal maneira que, se havia algum frescor, seria ao findar da madrugada, num curto período, quando um vermelho sanguíneo já se delineava no horizonte oriental. Foi nesse curto intervalo entre o findar do calor insano e seu reinício, quando a escuridão ainda predominava, embora as estrelas já se despedissem, que aconteceu.

Aquilo surgiu.

Alguns disseram que foi fruto das mudanças climáticas; outros, menos científicos, que foi castigo divino. E ainda outros, mais supersticiosos, afirmaram que o Maligno abria as portas do Inferno.

Fato era que as pessoas — fossem os poucos pedestres ou motoristas, fossem os trabalhadores do turno da madrugada — vinham desaparecendo misteriosamente. Num momento estavam lá; no outro, evaporavam. Ao lado disso, havia um indefinível

sentimento de que a noite tornava-se mais densa, quase palpável, e o amanhecer demorava-se um pouco mais a surgir.

Asas negras cobriram a cidade.

Tão amedrontadoras.

Misteriosas.

Sinistras.

Más.

Maykson respirou aliviado por encerrar o trabalho. Enxugou o suor da testa com as costas da mão e aguardou até chegar a sua vez na fila do cartão de ponto. Bateu a saída e, juntamente com outros colegas de turno, deixou a claustrofobia da fábrica. Seu corpo todo — fora do conforto do ar-condicionado da firma — sentiu o impacto do mormaço. Quase o fez se arrepender de abandonar o prédio.

— Caraca! Lá vamos nós ficar uma nhaca. Só quero tomar um banho e cair no sono.

— Consegue dormir com esse calor, Mayko?

— Só depois do banho frio e ventilador na cara.

— Sorte sua. Nem com ar-condicionado ligado pego no sono.

— Então, tem mais tempo pra transar com a mulher! — brincou Maykson, pensando na sua.

— Que nada! Dorme feito pedra e ronca que nem avião. Nunca vi. Nem me lembro da última vez que conversamos, que dirá fazer fuca-fuca!

Maykson e os operários mais próximos riram e fizeram piadas obscenas.

— Quente ou não, terei meu fuca-fuca antes do banho.

— Melhor debaixo do chuveiro, Mayko!

— Num é que é verdade!

— Fuca gelado!

Riram mais ainda.

Mais à frente, ainda nas dependências da empresa, outro grupo de trabalhadores quase alcançava o portão de saída. Como Maykson e seus colegas, reclamavam da alta temperatura. Subitamente, porém, foi como se um pedaço da noite caísse sobre suas cabeças. Nos postes, as lâmpadas deram a impressão de se apagar. Não houve alarde,

gritos ou demonstrações de dor. Apenas um manto de escuridão envolveu os homens, seguido de um silêncio de mortalha.

— Viu aquilo? — apontou Maykson.

A expressão boquiaberta do colega falou por si. Outros emitiram grunhidos ou punhados de interjeições.

Quando as luzes dos postes próximos voltaram a iluminar o local, aquele grupo havia desaparecido.

— Caraca, meu!

— Que porra foi aquela?

— Santa Maria, mãe de Deus!

— Foi a tal assombração da cidade!

Ao contrário do grupo sumido, a gritaria de Maykson e seus colegas foi geral a ponto de beirar a histeria. Testemunharam a coisa acontecer diante de seus olhos. Foram tomados pelo pânico e, feito baratas tontas, cada qual correu, cambaleou e hesitou à sua maneira ao redor da área onde, segundos antes, os outros operários se encontravam. Estenderam os braços e, à maneira de um cego, tatearam como se quisessem tocar o imponderável. Não tinham como explicar o ocorrido, porém, uma coisa perceberam.

— Aqui está gelado! — disse alguém.

Os outros confirmaram. A sensação era a de terem entrado em um refrigerador.

Mas o fenômeno durou pouco e logo o calor tomou conta de tudo.

E o amanhecer custou a chegar.

Sumidos continuaram sumidos.

A polícia nada conseguiu fazer.

Famílias caíram em desespero.

Não houve banho frio e ventilador que fizessem Maykson adormecer nos dias seguintes. Tampouco houve fuca-fuca.

Não bastasse seu próprio infortúnio, um véu de terror esparramou-se sobre a cidade.

As avenidas — suas artérias — tornaram-se desertas como se o sangue tivesse estancado.

Os edifícios, as praças, o estádio, as residências — seu corpo — tornaram-se paraplégicos.

A noite em geral e a escuridão em particular ganharam contornos de um medo antigo e tangível. Era o temor diante de algo sob a cama ou dentro do armário. Poderia se elevar do fundo do poço e arrastar sua vítima sem que nada impedisse. Quietos. À espreita. Uma coisa. O desconhecido sem forma metia mais pavor do que qualquer história de vampiro, lobisomem, corpo seco, curupira, saci e até assombração.

Fragmentos do céu noturno desprendiam-se do firmamento e eram despejados sobre o centro e a periferia. A criatura chegou e desceu de repente, não maculada por astros. Ceifou as poucas luzes que, em arremedos de vida, iluminavam as alamedas, becos e vielas solitárias. Envolveu os prédios, as ruas, as praças, os jardins e as calçadas sem o menor achego, roubando-lhes o calor, o sentimento de segurança, a existência, fazendo da quietude um grito mais pungente do que um milhão de almas a arder no Tártaro pela eternidade afora.

Cientistas portadores de vasto conhecimento buscaram explicar o incompreensível e falharam.

Videntes, mistificadores e profetas do apocalipse abarrotados de ignorância acreditaram saber do que se tratava. Procuraram, a sua maneira, associar as desapareções ao calor. Mencionaram a abertura de portais maléficos através dos quais criaturas de outra dimensão teriam invadido o mundo. Mencionaram configurações de certas estrelas, asteroides e planetas. Apelaram ao oculto que, como tal, continuou escondido. Evocaram espíritos. Inventaram profecias. Justificaram sem nada justificar. Embromaram, enrolaram, rodearam. Alimentaram a confusão, a estupidez e o temor.

Tanto sábios quanto embusteiros tiveram igual destino.

A escuridão desceu do céu para devorar as pessoas.

Eventos análogos aconteceram em outros países.

As trevas se tornavam mais frias e compactas.

O clarão do dia ficava cada vez mais curto.

Nunca se viram sentindo falta do calor.

Mas este cedia espaço ao ar gélido.

E era como um inverno polar.

Quando Maykson acordou, percebeu que tiritava e os dentes batiam.

O edredom jazia no chão.

O quarto estava às escuras.

O silêncio era feito chumbo.

Acendeu o abajur e, sob a luz amarela, consultou o relógio no criado-mudo: 06h57min. Enrugou a testa. Esperava encontrar a mulher deitada ao seu lado, esplendorosamente nua, pois, embora fosse de manhã, ela gostava de esticar a hora só para ficar um tempo junto dele. Era um momento no qual Maykson gostava de deslizar sua mão sobre o relevo dela, sentir a pele morna e aveludada, as curvas e as partes ocultas. Estaria preparando o café? Farejou o ar e não sentiu o aroma da bebida. Apurou os ouvidos e nada escutou. Casualmente, levou uma das mãos ao colchão onde o côncavo do corpo dela permanecia. Berrou:

— CARACA!

Estava gelado.

— Mirela! — chamou. — MIRELAAA!

Nada.

Apesar do ar frio que no decorrer dos meses tomara conta não somente da cidade, mas do planeta inteiro, Maykson começou a suar. Lágrimas vieram-lhe aos olhos. O temor era um vermezinho covarde e asqueroso: cavoucava, corroía e dissolvia o cérebro, o poder de raciocínio, deixando em seu lugar um buraco rapidamente preenchido pela insanidade e a irremediável saudade.

Correu pela casa e revistou todos os aposentos. Até no gabinete debaixo da pia olhou.

Estava vazia.

— Mirela — gemeu.

As janelas estavam fechadas, e ele tratou de abrir a que dava direto para a rua.

Já eram mais de sete horas da manhã, entretanto, o que presenciou fez seu queixo cair, a exemplo de quando os homens da fábrica desapareceram. O medo se condensou em dor física e ele tombou para trás. Qualquer fração ínfima de esperança em rever a esposa se diluiu no fosso do desespero.

— Mire...

Lá fora estava tão escuro como se fosse meia-noite. Mais do que isso até. O céu era um breu só. Não havia o Sol, as nuvens, as pipas, os pássaros. Tampouco havia a Lua, as estrelas, os morcegos. Não havia as luzes das casas ou a iluminação pública. Não existia a cidade! Tudo se reduzira à malignidade das trevas.

Maykson se arrastou até a borda da cama ao mesmo tempo em que a luz amarela do abajur se tornou cada vez mais fraca e o frio aumentou. As paredes do quarto também se modificaram, tornaram-se convexas. Fosse o que fosse que se apossara de tudo, seu quarto foi o último reduto de normalidade. E, agora, perdia terreno para o poder sem forma que infectara a Terra e levava toda gente — *tudo* — para sabe-se lá qual destino.

A escuridão avançou, avançou e avançou.

Assim, num derradeiro toque glacial, a noite... chegou.

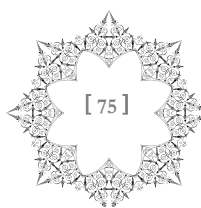
Do verão nasceu o inverno.

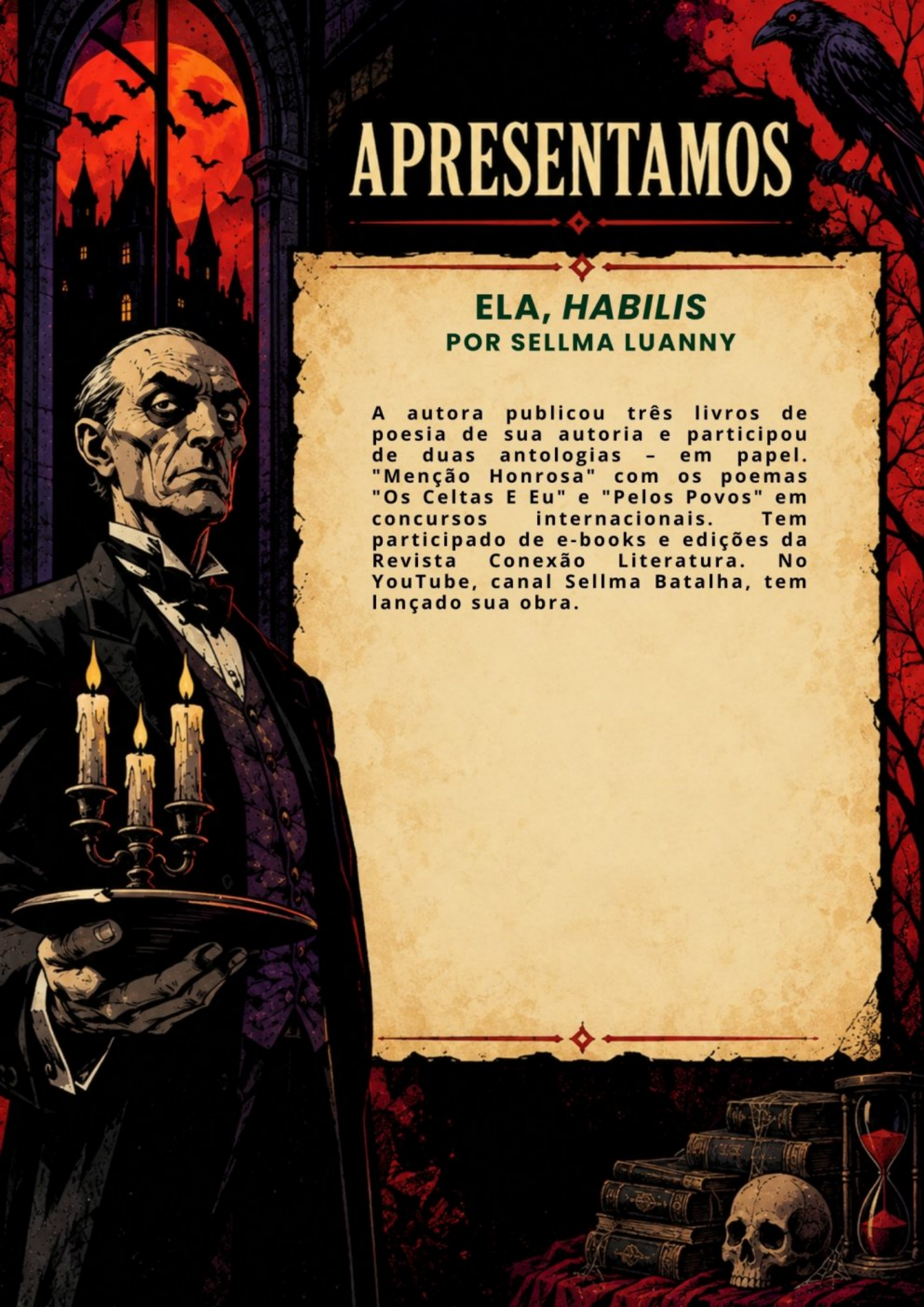
Do abismo se fez caminho.

Do pó ao nada, eis-me eterno.

Do limbo ao limbo, sozinho.

(Pichação, ainda anônima)





APRESENTAMOS

ELA, HABILIS **POR SELMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

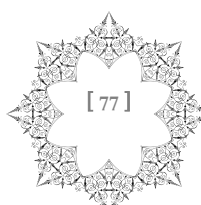
Na madrugada do homem, antes mesmo da sua aurora, ela - denominada agora, por nós, *Homo habilis* - olha e observa... ao seu redor, o seu grupo - família estendida. E no seu ventre, um outro a tomar forma.

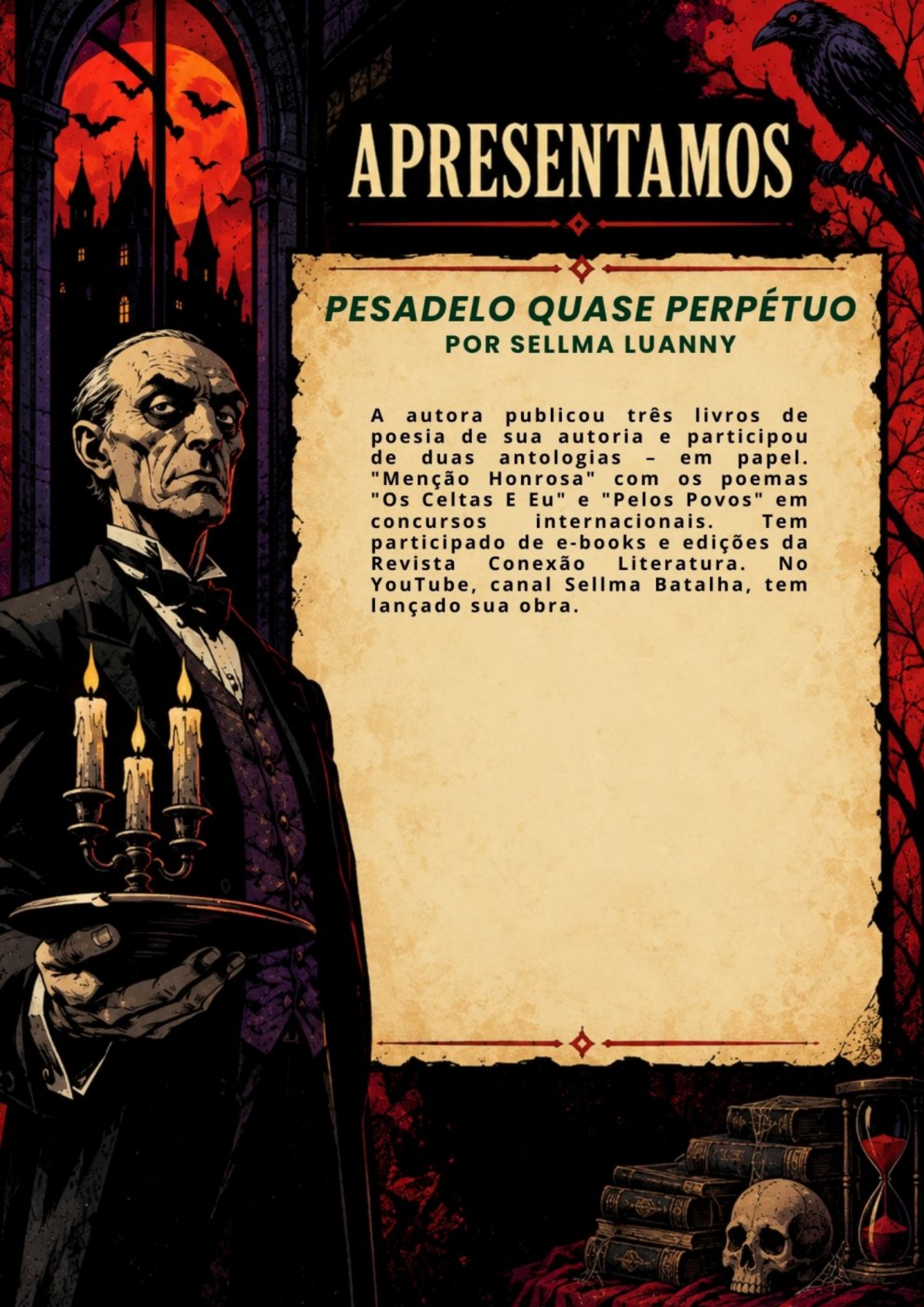
A cada anoitecer, uma aventura a vencer. A cada amanhecer, uma expectativa por quem sobreviveu. E com um novo nascimento, mais um para fortalecer o grupo ou enfraquecê-lo pois será uma boca a mais a ser alimentada.

E as horas do dia, tomadas como certas se o sol brilha. Mas sempre uma luta cansativa e estressante para conseguir comer e beber e aos mais indefesos velhos e jovens, servir de muralha. À espreita de predadores, proteção frágil, instável e incerta.

Ela se estendeu à corrente humana? Os seus fósseis não contam tudo e nem do futuro.

Nota: Referência: Leakey, L. S.; Tobias, P. V.; Napier, J. R. (4 de abril de 1964). "A *NEW SPECIES OF THE GENUS HOMO FROM OLDUVAI GORGE*". *Nature*: 7-9. ISSN 0028-0836. PMID 14166722. Doi: 10.1038/202007a0.





APRESENTAMOS

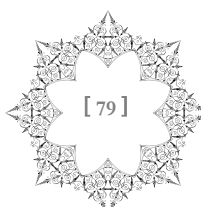
PESADELO QUASE PERPÉTUO POR SELMA LUANNY

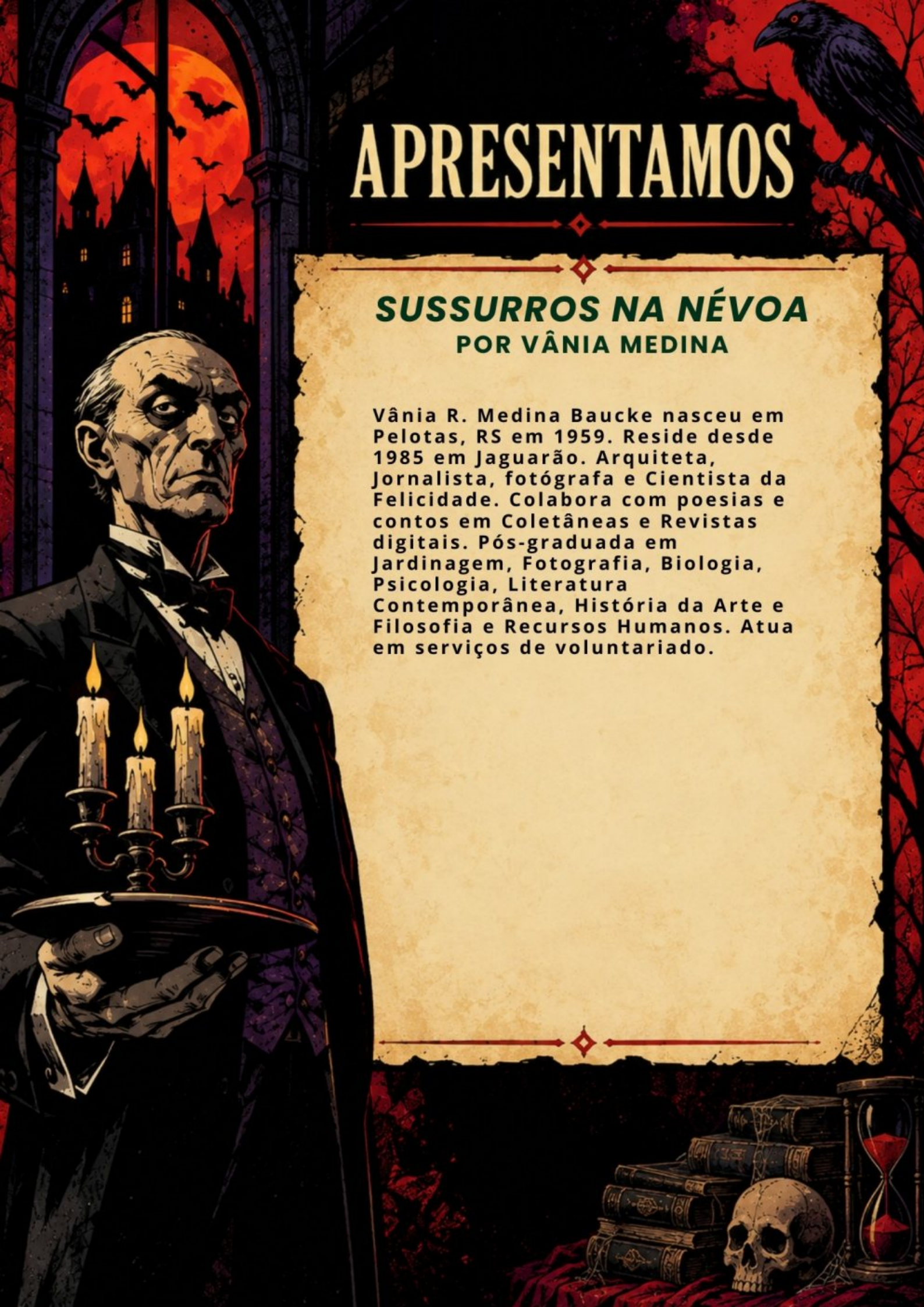
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Uma, duas vezes numa mesma noite, durante o sono, até dá para aguentar.
Mas, amanheci exausta da amargurante noite.

Dormia e acordava sucessivamente. E voltava-me àquela tarefa insana - porque acontecia na ausência da realidade. Repetia-se a cobrar-me o que à luz do dia certamente, teria sido uma coisa irrisória e até descartável.

Mas, durante a noite, como uma corrente sem fim, tirou-me a energia. E eu escrava, dominada por um pesadelo de repetições que só findou quando teimei em acordar e enfrentar o dia.





APRESENTAMOS

SUSSURROS NA NÉVOA POR VÂNIA MEDINA

Vânia R. Medina Baucke nasceu em Pelotas, RS em 1959. Reside desde 1985 em Jaguarão. Arquiteta, Jornalista, fotógrafa e Cientista da Felicidade. Colabora com poesias e contos em Coletâneas e Revistas digitais. Pós-graduada em Jardinagem, Fotografia, Biologia, Psicologia, Literatura Contemporânea, História da Arte e Filosofia e Recursos Humanos. Atua em serviços de voluntariado.

Na escuridão, o corpo inteiro tremia.
Lágrimas escorriam, e eu nem as sentia.
Não havia silêncio; ouviam-se folhas secas se quebrando.
Um vulto, vagorosamente,
esgueirava-se por entre as árvores.
Havia perigo no ar.
Mas qual?

No rosto impassível refletia-se o calor das labaredas.
Nenhuma expressão o traía.
Ele nunca vai admitir.
Todos têm segredos.
Ele montou uma armadilha,
e todos caíram nela.

Era como se a alma fosse sugada, arrancada,
subitamente interrompida.
Era uma intuição, uma sensação lenta, persistente,
desgastante.

Muito se perdeu pelo caminho.
Pode haver uma saída?
Não havia céu que revelasse
o que estaria destinado.
Nem todo trovão, anuncia
nem toda chuva, apaga rastros.

Não houve um final.
Tinha que haver um final.
Mas não houve.

Um intenso mistério.
Dava para escutar só um murmúrio.
Fiquei parado ali,
esperando.

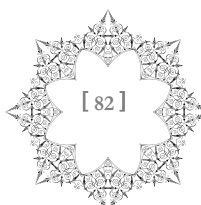
Então,
Algo se partiu.
Rachou.
E, o som ecoou no breu furtivo.
Inquietante,

O que seria?

Uma lufada quente
abraçou o corpo.
A silhueta foi tragada pela luz.
Desapareceu.

A névoa ao redor da lua dissipou-se,
e pôde-se ver claramente
o que havia acontecido de verdade.

O quê?



A detailed illustration of a man with grey hair and a slight smile, wearing a black tuxedo jacket, a white shirt with a black bow tie, and a patterned purple vest. He is holding open a large, dark blue wooden door with ornate brass lion head knockers. The background shows a dimly lit room with a large chandelier, a statue, and a painting.

Até a próxima...
se houver
uma próxima.



CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.**

CLIQUE AQUI!